



Ispapa

Instituto Universitário
de Ciências Psicológicas,
Sociais e da Vida

**A TRANSMISSÃO INTERGERACIONAL DO SEXISMO BENEVOLENTE EM
MULHERES: UMA LEITURA SISTÊMICA DAS DINÂMICAS DE
REPRODUÇÃO E DE BLOQUEIO**

SUSANA ANTUNES RESENDE

Orientadora de Dissertação:

PROF.^a DOUTORA MARIANA PIRES DE MIRANDA

Professora de Seminário de Dissertação:

PROF.^a DOUTORA MARIANA PIRES DE MIRANDA

Dissertação submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA CLÍNICA

2024

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação da
Prof.^a Doutora Mariana Miranda, apresentada no Ispa
– Instituto Universitário para obtenção de grau de
Mestre na especialidade de Psicologia Clínica

Agradecimentos

À minha mãe e às minhas avós que são as mulheres que mais me inspiraram na escrita deste projeto e que são um exemplo de força na minha vida.

Aos meus pais, por serem um exemplo. Sem a vossa confiança, dedicação e sacrifícios, nada disto seria possível.

À minha irmã, por me ter apresentado e levado a ouvir incessantemente aquela que iria ser a banda sonora da minha tese.

À Inês, à Diana e ao Tomás, por me fazerem sentir em casa, por serem pacientes com a minha (pouca) disponibilidade e por me fazerem rir como só eles sabem. À Inês e à Diana, em especial, por todos estes anos juntas.

À Rita, à Inês e à Sara, que me acompanham desde a licenciatura e que me fazem voltar a casa sempre que estou com elas. Obrigada pelo apoio constante, por me ouvirem e me darem a força que precisava para terminar isto.

À Raquel, à Adriana e à Inna, que apareceram na minha vida há dois anos e me acompanharam nesta loucura de dar aulas e tirar um mestrado ao mesmo tempo. Obrigada por me terem acolhido, por terem confiado em mim e por terem tornado estes dois anos tão mais leves e bonitos.

À Andreia, à Isabel e ao Nuno, por me terem dado e ensinado tanto e por me terem inspirado a ser a pessoa que sou hoje.

Ao meu grupo, Cassi, por ouvirem todos os meus receios em relação ao futuro e por me darem a mão quando precisei.

À Cláudia, à Silveira, à (prima) Inês, à Rita e à Biazinha, por serem luz e casa. Em especial à Rita, que me motivou a voltar a escrever e me fez voltar a acreditar em mim.

À minha Sa, que mesmo longe, se faz sempre presente em todas as fases da minha vida, que tem sempre as palavras certas e que é uma inspiração.

À Jú, que nunca deixou de acreditar e de puxar por mim, que é um exemplo de força e que me atura há tantos anos.

Ao David, que ouviu as minhas ideias e os meus medos, foi o porto seguro das minhas lágrimas e me ajudou a levantar e a não desistir. Por acreditares em mim, por seres o melhor parceiro de vida e por apoiares este projeto como ninguém.

A todas as pessoas que de alguma forma contribuíram para a concretização deste projeto, o apoiaram ou simplesmente se interessaram e procuraram saber mais sobre ele.

Às minhas colegas do seminário de dissertação, que acompanharam este processo desde o início e foram as primeiras a dar-me força para seguir com este tema. Em especial à Liliana e à Catarina pelo vosso contributo neste trabalho.

À Prof.^a Doutora Mariana Pires de Miranda, que desembarçou as minhas ideias, acreditou no meu tema e me ajudou a chegar até aqui.

Resumo

A investigação sobre o sexismo benevolente (SB) emerge na literatura como justificação para manter o sistema de género através da romantização deste tipo de sexismo. O presente estudo procurou perceber de que forma a perceção das mulheres sobre o SB da família de origem está associada ao SB internalizado e, como consequência, às experiências sexistas benevolentes com o parceiro. Foi ainda proposto um potencial fator de bloqueio desta transmissão entre sistemas familiares: a pertença a múltiplos sistemas sociais. 225 participantes, entre os 18 e os 66 anos, que se autocategorizavam como sendo do género feminino e se encontravam num relacionamento heterossexual, responderam a um questionário online. Os resultados comprovaram a primeira hipótese que defendia um efeito indireto entre o SB percebido nos pais, o SB internalizado e as experiências com SB do parceiro. Além disto, o modelo proposto na segunda hipótese foi também confirmado na dimensão intimidade heterossexual, sendo que a pertença a um maior número de grupos reduziu a relação entre o SB dos pais e o SB internalizado. Estes resultados são discutidos em relação com outros estudos neste campo, tendo sido formuladas novas hipóteses para estudos futuros e analisadas as implicações clínicas.

Palavras-chave: Sexismo Benevolente; Transmissão Intergeracional; Relações Heterossexuais; Grupos; Mulheres.

Abstract

Research into benevolent sexism (BS) has emerged in the literature as a justification for maintaining the gender system by romanticizing this type of sexism. This study contributes to understanding how women's perceptions of their family of origin's BS are associated with internalized BS and, as a consequence, benevolent sexist experiences with their partner. A potential factor in blocking this transmission between family systems was also proposed: belonging to multiple social systems. 225 participants, aged between 18 and 66, who self-categorized as female and were in a heterosexual relationship, answered an online questionnaire. The results confirmed our first hypothesis, showing a significant indirect effect between perceived BS in parents, internalized BS and experiences with BS in the partner. In addition, the model proposed in the second hypothesis was also confirmed in the heterosexual intimacy dimension: belonging to a larger number of groups reduced the relationship between parental BS and internalized BS. These results are discussed in relation to other studies in this field, as we formulate new hypotheses for future studies and analyse clinical implications.

Keywords: Benevolent Sexism; Intergenerational Transmission; Heterosexual Relationships; Groups; Women.

Índice

Introdução	1
Desigualdades de Género e o Papel do Sexismo Benevolente	1
Sexismo Internalizado	4
<i>Transmissão Intergeracional do Sexismo Internalizado</i>	6
<i>Sexismo nas Relações entre Pessoas de Géneros Diferentes</i>	7
A Quebra dos Ciclos: A Pertença a Múltiplos Grupos	9
O Presente Estudo	11
Método	12
Participantes	12
Instrumentos	14
<i>Escala do Sexismo Benevolente dos Pais Percebido</i>	14
<i>Escala do Sexismo Benevolente Internalizado</i>	15
<i>Escala de Experiências com Sexismo Benevolente do Parceiro</i>	16
<i>Escala de Pertença a Múltiplos Grupos</i>	17
Procedimento	18
Resultados	19
Discussão	24
Limitações e Estudos Futuros	27
Implicações Clínicas	28
Referências	29
Anexos	36
Anexo 1 – Questionário Sociodemográfico	36
Anexo 2 – Escala do Sexismo Benevolente dos Pais	37
Anexo 3 – Escala do Sexismo Benevolente Internalizado	38
Anexo 4 – Escala de Experiências com Sexismo Benevolente do Parceiro	39
Anexo 5 – Escala de Pertença a Múltiplos Grupos	40

Anexo 6 – Consentimento Informado	41
---	----

Índice de Tabelas

Tabela 1. <i>Descrição Sociodemográfica das Participantes do Estudo (n=225)</i>	13
Tabela 2. <i>Correlações entre o Sexismo Benevolente dos Pais, o Sexismo Benevolente Internalizado e as Experiências com Sexismo Benevolente do Parceiro</i>	19
Tabela 3. <i>Resultados da Mediação Moderada da Pertença a Múltiplos Grupos no Paternalismo Protetor, na Diferenciação de Género Complementar e na Intimidade Heterossexual</i>	22
Tabela 4. <i>Regressão Linear Múltipla – SB dos Pais percebido e Experiências com SB do Parceiro predizem SB Internalizado</i>	23

Índice de Figuras

Figura 1. <i>Modelo do Presente Estudo</i>	12
Figura 2. <i>Modelo Trifatorial do Sexismo Benevolente dos Pais percebido</i>	15
Figura 3. <i>Modelo Trifatorial do Sexismo Benevolente Internalizado</i>	16
Figura 4. <i>Modelo Trifatorial das Experiências com Sexismo Benevolente do Parceiro</i>	17
Figura 5. <i>Modelo Unifatorial da Pertença a Múltiplos Grupos</i>	18
Figura 6. <i>Efeito Moderador da Pertença a Múltiplos Grupos no SB-IH dos Pais percebido para o SB-IH Internalizado</i>	21

Introdução

Desigualdades de Género e o Papel do Sexismo Benevolente

As desigualdades de género permanecem uma realidade na sociedade atual, a nível mundial. Apesar dos progressos feitos até agora, as mulheres, a nível global, continuam a dedicar cerca de 2.6 vezes mais tempo a trabalho doméstico e cuidados não remunerados do que os homens e a ganhar menos 23% em média do que os homens no mercado de trabalho (*The Organization for Economic Cooperation and Development – OECD, 2023*). Estes dados que acabámos de destacar constituem apenas alguns exemplos das desigualdades de poder, salariais e de oportunidades, que se estendem desde a esfera familiar (e.g., na divisão de tarefas em casa), até à esfera política e laboral (OECD, 2023).

Portugal apresenta, apesar de tudo, índices de desigualdade baixos, comparativamente ao nível de países do restante mundo Ocidental. Ao longo dos últimos anos, tem-se assistido a uma evolução positiva, mas lenta e pouco acentuada, dos progressos relativos às desigualdades de género no país (CIG, 2023). Gomes e colaboradores (2022) compararam duas amostras recolhidas em Portugal num intervalo de 10 anos e invariantes quando a outras variáveis de interesse. Verificaram que as crenças sexistas têm sofrido algumas modificações no discurso, apresentando-se de forma mais subtil e moderna, mas sem deixarem de estar profundamente enraizadas ou de legitimarem a manutenção das desigualdades de género.

A literatura parece, deste modo, convergir quanto ao facto de, caso o ritmo destes progressos permaneça o mesmo dos últimos anos, não ser possível atingir os cinco objetivos propostos para alcançar a igualdade de género até 2030 (OECD, 2023). Neste sentido, é necessário olhar os fatores que contribuem para que a desigualdade permaneça, especialmente o sexismo direcionado ao género feminino.

É possível definir-se sexismo, segundo Swim e Hyers (2009), como “comportamentos, atitudes e crenças de indivíduos ou práticas organizacionais, institucionais ou culturais que assentam quer na avaliação negativa com base no género dos indivíduos, quer no apoio às desigualdades entre o género feminino e masculino” (pp. 407). Tendo em conta a importância que o sexismo direcionado a mulheres tem na manutenção das desigualdades entre géneros (Glick et al., 2000; Glick & Raberg, 2018), é crucial perceber de que forma é que este ainda está presente na nossa sociedade atual e quais as principais dificuldades e entraves que contribuem para o insucesso na sua redução.

A fim de se encontrar resposta a estas questões, é importante entender mais sobre o sexismo. Inicialmente, o sexismo foi descrito sobretudo no seu lado mais hostil e de antipatia em relação à mulher (Allport, 1954). Glick e Fiske (1996) introduziram um modo diferente de conceptualizar o sexismo, propondo o conceito (seguido do instrumento de avaliação respetivo) de sexismo ambivalente. Esta conceptualização abandona a visão unidimensional do sexismo, defendendo a existência de dois sistemas de crenças, distintas, mas complementares: o sexismo hostil e o sexismo benevolente.

Segundo os autores, o sexismo hostil (SH) corresponderia ao conceito de preconceito anteriormente mencionado por Allport (1954), isto é, uma atitude de antipatia e hostilidade para com a mulher (Glick & Fiske, 1996). O SH assentaria no princípio de dominância do homem sobre a mulher e nas atitudes negativas em relação a mulheres que desafiem os papéis de género tradicionais e que ambicionem ganhar esse poder sobre os homens (Glick & Fiske, 1997). A investigação sobre o SH demonstrou como este tipo de sexismo é facilmente percebido pelas mulheres como prejudicial e discriminatório, sendo, assim, menos apoiado por mulheres do que por homens (Glick & Fiske, 1996; Glick et al., 2004).

Glick e Fiske (2001) consideraram que uma outra forma de sexismo teria de atuar em paralelo e mais subtilmente, de modo a ser percebida como agradável e favorável ao grupo minoritário. Apenas assim seria possível a manutenção por tantos anos da forma hostil e pejorativa do sexismo. Aqui abre-se espaço para o sexismo benevolente (SB). Oposto e complementar ao SH, o SB procura, através de comportamentos e atitudes benevolentes, suavizar e legitimar o domínio masculino e os papéis de género tradicionais (Glick & Fiske, 1997). Este tipo de sexismo baseia-se no princípio de interdependência entre homens e mulheres (Glick & Fiske, 2001), pressupondo que, na sua relação, ambos são beneficiados ao cumprir o papel que lhes está tradicionalmente destinado (Hammond & Overall, 2017): o homem completando-se ao proteger a mulher e a mulher adotando um papel de suporte e amabilidade em troca. Para além de descrever a mulher ideal como “calorosa”, “pura” e “frágil”, o SB pressupõe o género feminino como o mais “fraco”, que deverá ser protegido e estimado pelo homem (Glick & Fiske, 1996; Glick & Fiske, 2001).

A Teoria do Sexismo Ambivalente é constituída por três fatores que incluem as principais crenças sexistas, tendo por base diferentes motivações, são elas: o paternalismo, a diferenciação de género e a heterossexualidade. As três incluem-se em ambos os polos (hostil e benevolente), manifestando-se de forma distinta em cada um deles, ora mais direcionados para a hostilidade para com a mulher (paternalismo dominante, diferenciação de género

competitiva, hostilidade heterossexual), ora baseados nas ideias benevolentes do sexismo (paternalismo protetor, diferenciação de género complementar e a intimidade heterossexual). Apresentamos estes três fatores em seguida. Primeiro, quanto à ideologia paternalista, consolida-se no paternalismo protetor sob o olhar do SB. Defende-se que o homem deve proteger a mulher (como um pai protege uma filha) e cuidar do estatuto económico e financeiro da mesma (Glick & Fiske, 1996; 1997). Esta ideia de proteção leva a que as mulheres que agem com base no SB ou que se conformam com o mesmo aceitem restrições altamente protetoras dos seus parceiros (Bareket & Fiske, 2023). No outro polo, do SH, encontramos o paternalismo dominante, que tem uma visão das mulheres como sendo mais incompetentes, devendo ser controladas pelos homens (Glick & Fiske, 1996; 1997). De seguida, quanto à diferenciação de género, o SB defende a complementaridade dos géneros, assentando na crença de que homens e mulheres são naturalmente diferentes e que existe entre ambos uma dependência diádica (e.g., as mulheres como mães, os homens como protetores (Glick & Fiske, 1996). Esta componente tem em consideração os papéis de género tradicionais e as características que, segundo os mesmos, melhor se adequam às mulheres (e.g., sensível, pura) e aos homens (e.g., competitivo; Glick & Fiske, 1996; 1997). Partindo do lado hostil do sexismo, este defende a diferenciação de género competitiva, isto é, a ideia de que apenas os homens possuem as características necessárias para gerir, comandar e governar (Glick & Fiske, 1996). Esta é uma estratégia que permite aumentar a autoestima do género masculino, sob a crença de superioridade relativamente ao género feminino, que é estereotipado como inferior e incapaz (Glick & Fiske, 1997). A terceira e última componente é a heterossexualidade, que pode adquirir também dois tons distintos. Por um lado, a intimidade heterossexual, que tem por base a romantização do papel da mulher como parceira sexual, entendendo que o homem só é completo tendo uma parceira romântica e reforçando a ideia da dependência diádica do homem à mulher (Glick & Fiske, 1996; 1997). Esta componente tem em conta os desejos sexuais dos homens em relação às mulheres, compreendendo também a necessidade de uma proximidade a nível psicológico (Glick & Fiske, 1996). Por outro lado, a hostilidade heterossexual, defende que as mulheres utilizam a sua atração sexual para seduzir e dominar os homens (Glick & Fiske, 1996) e que os homens devem olhar para as mesmas como objetos sexuais (Glick & Fiske, 1997).

O SB é frequentemente descrito como uma ferramenta crucial que contribui de forma significativa para conservar as desigualdades (Glick & Fiske, 2001; Glick & Raberg, 2018), no sentido em que, através da sua subtilidade, acaba por atuar direta e indiretamente na perpetuação das mesmas. Por um lado, acaba por legitimar o próprio SH, levando a mulher a desvalorizar e

a aceitar as disparidades entre géneros como uma justificação do sistema (Connelly & Heesacker, 2012; Jost & Banaji, 1994), assim como as consequências que este status inferior que lhe é adquirido acarreta. Por outro lado, o SB atua diretamente nas desigualdades de género, sob o perpetuar dos papéis de género tradicionais e promoção da dependência da mulher no homem (e vice-versa) (Glick & Raberg, 2018). Neste sentido, tem-se vindo a considerar cada vez mais o perigo desta faceta benevolente do sexismo, estudando a sua prevalência (e.g., Hammond et al., 2018¹), preditores (e.g., Hellmer et al., 2018) e consequências a nível psicológico, relacional e societal (ver Barreto & Doyle, 2023).

Nesta dissertação, focar-nos-emos em particular na prevalência do sexismo na população feminina. Quando comparados os géneros feminino e masculino constata-se que os homens apresentam valores superiores de sexismo de forma geral (Gomes et al., 2022; Glick & Fiske, 1996) e que o seu apoio ao SB é persistente ao longo do tempo, seguindo uma trajetória positiva (Hammond et al., 2018). Da mesma forma, no estudo de Glick e colaboradores (2004), os valores de SH são superiores nos homens em todas os 16 países estudados. Estes resultados têm-se vindo a replicar noutros estudos, seja em adultos homens cisgénero (e.g., Schiralli et al., 2022), seja em populações mais jovens (e.g., Ferragut et al., 2017). Quando observados os valores do SB a evidência é menos consistente: nalguns países os homens apresentam níveis mais elevados de SB, noutros não existe diferenças entre géneros e ainda noutros são as mulheres que apresentam valores mais elevados de adesão ao SB (Glick et al., 2004). Apesar de os resultados variarem, a investigação está de acordo que o apoio de crenças sexistas por parte de mulheres não deixa de ser uma questão central no combate às desigualdades de género e é sobre este tópico que nos debruçaremos em seguida.

Sexismo Internalizado

O sexismo atua sob três níveis (Bearman & Amrhein, 2014): o nível institucional (i.e., esferas política, social e económica), o nível interpessoal (i.e., a nível das relações e interações relacionais) e o nível internalizado.

De acordo com a definição de opressão internalizada no âmbito do racismo, Pyke (2010) refere que esta se trata da aceitação de “estereótipos, valores, imagens e ideologias

¹ Estudo com uma amostra nacional na Nova Zelândia (n = 10 398 pessoas), que investigou a evolução do sexismo ao longo dos anos, descobriu que a evolução do apoio ao sexismo benevolente por parte das mulheres seguia uma trajetória curvilínea em forma de “U”, atingindo níveis superiores no final da adolescência, diminuindo na idade adulta média e voltando a subir numa idade mais avançada.

racistas perpetuados pela sociedade dominante branca sobre o grupo racial de uma pessoa”. Ao transpor esta definição para o domínio do sexismo, entende-se que o sexismo internalizado pode considerar-se o apoio e concordância das mulheres com o sexismo e as suas crenças subjacentes, provenientes de uma sociedade que defende a dominância masculina nas esferas política, económica e social. Bearman e Amrhein (2014) refletem sobre as diferentes formas que o sexismo internalizado pode tomar, desde o sentimento de inferioridade da própria mulher, até à visão sexista direcionada a outras mulheres, com base nos papéis de género restritos e na objetificação das mesmas.

Posto isto, é importante ter em consideração o papel que o grupo dominante masculino tem no perpetuar do SB, tanto em homens, como em mulheres. Sibley e colegas (2009) constataram que as pessoas (de ambos os géneros) que percebiam o SB como normativo no género masculino, acabavam por concordar com o mesmo ao longo do tempo. Isto vai de acordo com a Teoria da Justificação do Sistema, que explicita como uma ideologia proposta pelo grupo dominante pode acabar por ser adotada pelo grupo em desvantagem (Jost & Banaji, 1994). Desta forma, também as mulheres, como objeto de um sistema de opressão, podem internalizar a visão do grupo dominante masculino, levando-as a defender uma ideologia que compromete a sua independência e competência, contribuindo para a manutenção do status quo, com a concentração de poder no género masculino.

Neste sentido vão os estudos que apontam para ligações positivas entre o apoio ao SB e a satisfação de vida tanto de homens como de mulheres (e.g., Hammond & Sibley, 2011; Waddell et al., 2019). Estas descobertas evidenciam que o SB está tão enraizado na sociedade que é até percecionado como a forma de vida ideal para estas mulheres, trazendo-lhes satisfação quando as suas expectativas são cumpridas (Waddell et al., 2019). Mais recentemente, não se verificou qualquer relação entre o SB e a satisfação com a vida nos países europeus que fizeram parte de um estudo (Rollero et al., 2023). Esta relação foi significativa apenas no Irão, um país onde as desigualdades entre os dois géneros são mais acentuadas.

Contudo, investigação mais atual tem mostrado como o sexismo continua a adaptar-se às novas demandas sociais de igualdade. Gomes e colaboradores (2022) demonstraram como mulheres que apoiam o SB acabam por adotar o neosexismo (i.e., negar a existência de sexismo). Isto é especialmente relevante porque a negação do sexismo implicaria colocar em

risco as “vantagens” do SB. Este apoio ao sexismo significa assim a sua internalização e consequente manutenção².

Considerando as diferenças entre géneros, quando comparada a evidência relativa à internalização do sexismo hostil e do sexismo benevolente, constata-se que, de modo geral, as mulheres têm tendência para apoiar mais as crenças sexistas benevolentes, do que as hostis (e.g., Becker, 2010; Glick et al., 2000), percecionando-as como menos sexistas e stressantes (e.g., Hopkins-Doyle et al., 2019; Oswald et al., 2019). Na mesma direção da tese da permanência desta ideologia, um estudo demonstrou que a exposição ao SB alterava o modo como as participantes, estudantes universitárias holandesas, se descreviam (Barreto et al., 2010). Contrariamente à exposição ao SH, que não alterou as autodescrições das participantes, a exposição ao SB levava as participantes a descreverem-se mais em termos relacionais e menos em termos relacionados com a sua função. Esta diferença evidencia que a exposição ao sexismo, e em particular ao SB pode, por si só, levar à sua adoção.

Concluindo, podemos verificar que se as pessoas constroem a sua identidade, as suas crenças e ideologias ao longo da vida com base nas suas características pessoais, mas também consoante a cultura e o ambiente relacional em que crescem. O sexismo internalizado acaba por ser um resultado, não só do sistema sexista pelo qual a sociedade se rege, como também daquilo que as mulheres foram observando das suas relações mais próximas, nomeadamente no seu sistema primário: a família.

Transmissão Intergeracional do Sexismo Internalizado

As pessoas junto às quais as mulheres cresceram na sua infância e juventude têm um papel crucial no seu desenvolvimento, na construção das suas perceções, atitudes e dos seus comportamentos (OECD, 2023). Como tal, a presença de níveis de discriminação face a grupos específicos, em particular face ao género feminino, no seio familiar tem consequências no futuro de homens e mulheres, influenciando a perceção que estes terão dos papéis e das desigualdades de género.

Alguns estudos dedicaram-se a investigar a relação entre o sexismo dos/as pais/mães e o sexismo dos/as /filhos/as adolescentes, procurando perceber de que forma as crenças

² Mulheres que internalizam o sexismo acabam por direcioná-lo a outras mulheres, no sentido em que exigem que estas também o adotem na sua vida, entendendo que, desta forma, as estão a proteger das consequências de negarem o sexismo (Bearman & Amrhein, 2014).

sexistas hostis e benevolentes são passadas de geração em geração. Os resultados indicam que existe uma relação positiva entre as crenças das mães e dos filhos (Garaigordobil & Aliri, 2011) e das filhas (Garaigordobil & Aliri, 2011; Feigt et al., 2022; Montañés et al., 2012), sendo a relação mais forte entre mães e filhas (Garaigordobil & Aliri, 2011). É importante ressaltar que a maioria dos estudos se concentra na associação entre as crenças sexistas como medidas junto aos/às pais/mães com as dos/as filhos/as. No entanto, existe também um espaço para estudar as crenças sexistas dos pais e mães como percebidas pelas filhas (e.g., Leaper & Brown, 2008). O que a criança percebe é, no fundo, o que retém do que observa e experiencia, não correspondendo totalmente às crenças reais dos seus familiares.

A investigação realizada sobre a transmissão intergeracional do sexismo foca-se em estudar, essencialmente, a relação entre o sexismo dos/as adolescentes com o sexismo dos/as pais/mães, abrangendo uma faixa etária que, por norma, ainda se encontra a desenvolver a sua identidade e a formar ideias e opiniões. Não é claro, contudo, se esta transmissão continua presente numa faixa etária já adulta. Ou seja, até que ponto estas crenças continuam presentes nas filhas, mesmo depois de estas já terem uma identidade definida e terem passado por um processo de socialização com outras pessoas, por exemplo, com os parceiros românticos? Neste sentido, é importante também perceber-se o papel que o SB internalizado, transmitido pelos pais e mães, pode ter na escolha do parceiro atual.

Sexismo nas Relações entre Pessoas de Géneros Diferentes

Uma das áreas em que o SB tende a perpetuar mais e a receber um maior apoio por parte das mulheres é precisamente nas relações íntimas heterossexuais. Neste contexto, o SB leva a mulher a assumir uma posição de suporte direcionado à relação, enquanto o homem providencia um suporte direcionado para a dependência, levando as suas parceiras a sentimentos de incompetência e desconsideração (Hammond & Overall, 2015). Assim, o SB idealiza a interdependência de ambos os sexos, levando a uma dependência da mulher ao homem, que lhe providencia proteção, e dependência do homem à mulher, que não é completo sem a mesma. Neste sentido, as relações entre pessoas de géneros diferentes mostram ser o cenário ideal para romantizar e apoiar as crenças sexistas.

Vários estudos têm aprofundado os conhecimentos dentro desta temática, focando, na sua grande maioria, nos casais de género diferente: ora relacionando o apoio ao SB com as preferências por um parceiro que cumpra com as características prometidas por esta ideologia

(e.g., Lee et al., 2010), ora encontrando evidência que associa o SB internalizado com o SB do parceiro percebido pela mulher (e.g., Hammond et al., 2016). Contudo, não é claro qual destas perspectivas poderá corresponder melhor à realidade. Se, por um lado, são as mulheres com crenças sexistas benevolentes que procuram parceiros que correspondam às suas idealizações, ou se é a percepção que estas têm do SB do parceiro que acaba por elevar os seus próprios níveis de SB e contribuir para a sua internalização. Abaixo são discutidas estas duas perspectivas. Relativamente ao papel do SB internalizado na escolha do parceiro “ideal”, a literatura demonstra que o SB no género feminino se associa a preferências por parceiros que correspondam aos estereótipos e papéis de género tradicionais (e.g., Chen et al., 2009; Lee et al., 2010) e a parceiros com recursos elevados (Sibley & Overall, 2011). Desta forma, constata-se que as mulheres que internalizam estas crenças SB tendem a demonstrar interesse por parceiros que concordem com as mesmas. Por outro lado, as mulheres que apoiam o SB (vs. aquelas que não apoiam o SB) e não veem cumpridas as promessas que o SB lhes confere tendem a adotar uma postura negativa na relação (Overall et al., 2011), ficando mais insatisfeitas com a mesma, especialmente quando esta enfrenta problemas sérios (Hammond & Overall, 2013). Estes efeitos agravam-se quando existe um investimento maior na relação (i.e., relações mais longas; Hammond & Overall, 2013). Numa investigação mais recente, Gul e Kupfer (2019) constatam que, tanto as mulheres mais feministas, como as menos feministas, consideram os homens com níveis mais altos de SB mais atraentes, pois entendem que estes têm uma maior disponibilidade para investir enquanto potenciais parceiros românticos. Estas descobertas sugerem que a atração por um parceiro com crenças SB pode ser uma preferência para a generalidade das mulheres, mesmo existindo uma maior consciência dos efeitos pejorativos deste tipo de parceiro. Estes resultados mantinham-se quer a mulher considerasse que o homem tinha um comportamento mais paternalista e inferiorizante, quer não.

Outros estudos referem a direção causal oposta, tendo o sexismo do parceiro como preditor do sexismo internalizado. Começamos por recuperar o estudo supracitado de Barreto e colegas (2010), em que se demonstra que a exposição ao SB do parceiro altera a forma como estudantes se descrevem, focando-se mais em aspetos relacionais. Adicionalmente, mulheres que se encontram numa relação romântica relatam experienciar mais episódios sexistas do que aquelas que não se encontram numa relação e estes eventos relacionam-se com o SB do parceiro percebido pelas mesmas (Oswald et al., 2019). Mastari e colegas (2019) constataram, igualmente, que raparigas adolescentes que se encontravam numa relação romântica apoiavam fortemente o SB comparativamente a raparigas que não estavam numa relação.

Complementarmente a estes resultados, Hammond e colegas (2016) descobriram, num total de cinco estudos (dois longitudinais e três experimentais), que o nível de internalização do SB dependia da perceção que as mulheres tinham do SB dos parceiros. Assim, internalizavam mais fortemente estas crenças, e de forma mais prolongada no tempo, quando o parceiro as apoiava, rejeitando-as caso percecionassem que o parceiro não concordasse com as mesmas. Neste sentido, pode-se afirmar que as relações românticas têm um papel importante no apoio das mulheres ao SB.

Tomada em conjunto, verificamos que existe evidência para uma causalidade circular entre sexismo internalizado e sexismo (percebido) dos parceiros, especialmente no que se refere ao SB.

A Quebra dos Ciclos: A Pertença a Múltiplos Grupos

Enquanto ser social, as relações e os grupos sociais têm um papel predominante na vida de qualquer ser humano. O desenvolvimento das Teorias da Identidade Social (Tajfel & Turner, 1979) e da Autocategorização (Turner, 1982) permitiu compreender que a forma como uma pessoa se define e caracteriza não inclui apenas o que a distingue dos outros, mas também as características que partilha com as pessoas do mesmo grupo. A identidade social seria, assim, o elemento que alinha atitudes, interesses e comportamentos com o grupo ao qual uma pessoa pertence e que a leva a se definir a partir do mesmo, diferenciando-se dos grupos aos quais não pertence (Cruwys et al., 2014).

A identidade social de um indivíduo inclui, inevitavelmente, uma série de grupos diferentes aos quais pertence. Uma pessoa pode incluir-se em diferentes categorias e definir o seu autoconceito consoante as que lhe fizerem maior sentido num determinado contexto (Jetten et al., 2012). Neste sentido, pode-se afirmar que os grupos são importantes para o autoconceito e para a imagem que as pessoas criam de si próprias. Alguns autores têm considerado a importância de pertencer a múltiplos grupos diferentes, entendendo que ter várias fontes que contribuem para o autoconceito de uma pessoa, permitindo-lhe possuir mais do que uma identidade social, pode ser uma mais-valia perante eventos negativos que coloquem em causa uma das suas identidades (Haslam et al., 2008).

Linville (1987), foi a primeira autora a debruçar-se sobre os efeitos da pertença a vários grupos. A autora entende que o autoconceito de cada indivíduo é formado segundo os múltiplos aspetos pessoais cognitivos que representam cada um, ou seja, as suas várias características. No

seu modelo da autocomplexidade, estabelece que indivíduos com autorepresentações mais complexas (i.e., que identificam em si várias e diferentes características que os define) são menos vulneráveis aos efeitos negativos de eventos stressores. Por exemplo, uma mulher que para além de mulher, se identifique como advogada, esposa, mãe, amiga, jogadora de ténis e escritora e que se descreva em cada um destes lugares de formas não idênticas (alto nível de autocomplexidade), será menos afetada perante um evento stressor do que uma mulher que se veja apenas como mãe e esposa ou que se defina homogeneamente como “simpática” (baixo nível de autocomplexidade).

A investigação mais recente tem evidenciado, de facto, a pertença a múltiplos grupos como um fator protetor para eventos stressores (e.g., Haslam et al., 2022), sendo uma maior quantidade de grupos importantes indicativo de mais recursos e, por conseguinte, mais estratégias de adaptação para este tipo de eventos (Cruwys et al., 2014). Vários estudos têm encontrado provas de uma associação entre a pertença grupal e benefícios no âmbito da saúde e bem-estar (ver Jetten et al., 2012). Numa revisão sobre identidade social e depressão, a evidência sugere que um maior número de identidades sociais, traduz-se numa probabilidade menor de desenvolver depressão em situações de vida mais desafiadoras (Cruwys et al., 2014). Outro estudo ainda demonstrou que os participantes com depressão diminuam o risco de recaída ao juntarem-se a pelo menos um grupo (Cruwys et al., 2013).

A identidade social pode, então, ser vista como uma “cura social”, que ajuda os indivíduos a lidar com os efeitos negativos de eventos stressores, protegendo a sua saúde mental e física (Jetten et al., 2012). Esta “cura social” atua, discretamente, sob a forma de sentimentos de pertença e de identificação a um ou mais grupos, em que através de interações, da partilha de sentimentos mútuos e do apoio social entre os seus membros, as pessoas acabam por aprender a lidar com os eventos mais desafiantes de forma positiva.

Assim, os diferentes grupos aos quais uma mulher pertence e valoriza podem ser um fator protetor para o seu bem-estar quando expostas a formas de sexismo mais evidente. Num estudo sobre opressão racial internalizada, descobriu-se que a quantidade de grupos aos quais uma pessoa pertencia demonstrou ser um fator protetor da transmissão transgeracional da opressão racial (Vieira, 2023). Neste sentido, se a pertença a vários grupos pode ser uma peça fulcral para reduzir os efeitos negativos da discriminação, procuraremos aqui estender estes efeitos, pela primeira vez, ao estudo do sexismo nas mulheres.

O Presente Estudo

O sexismo tem sido estudado ao longo das últimas décadas como um desafio atual da sociedade e que demonstra estar ainda muito presente em várias áreas e domínios, como o trabalho, as relações, a distribuição de tarefas domésticas, entre outros (ver Bareket & Fiske, 2023). No presente estudo, através de uma perspectiva sistémica da transmissão do SB, iremos analisar se existe uma ligação entre relações verticais e horizontais, isto é, avaliar se o SB dos pais está relacionado (indireta ou diretamente) com a presença do SB no dia a dia da mulher na vivência com o parceiro atual.

A nível vertical, recuperamos a evidência da existência de uma conexão intergeracional do SB de mães para filhas (e.g., Garaigordobil & Aliri, 2011). A nível horizontal, salientamos os dados que nos indicam que mulheres com níveis mais elevados de SB têm preferências por parceiros também com níveis mais altos deste tipo de sexismo (Lee et al., 2010). Escolhemos pontuar esta direção causal entre SB internalizado e a escolha de parceiros, não por descurar os argumentos que as mulheres internalizam mais o SB quando percebem que o parceiro concorda com estas crenças (Hammond et al. 2016; Oswald et al., 2019), mas por neste estudo fazermos valer uma lógica desenvolvimental. Considerando, teoricamente, a relação entre os sistemas da família de origem e da família nuclear atual, haverá mais argumentos para, pelo menos numa fase inicial, considerarmos que, no início de vida, o sexismo internalizado possa ter sido mais influenciado pelo SB dos pais e influenciar, em seguida, a escolha do parceiro. Neste sentido, os objetivos do estudo foram analisar, sob a perceção da mulher, a transmissão do SB da família de origem para o SB experienciado com o parceiro, consoante uma maior ou menor internalização do SB por parte da mulher.

Procurou-se também avaliar o papel da pertença a múltiplos grupos no internalizar do SB. A investigação mostra que a pertença a múltiplos grupos constitui um fator protetor para a saúde e bem-estar psicológico (e.g., Cruwys et al., 2013) e ainda que este pode ser um bloqueador na transmissão de outros tipos de opressão internalizada (Vieira, 2023).

Com base na literatura e nos objetivos do estudo, estabeleceram-se as seguintes hipóteses (H1 e H2):

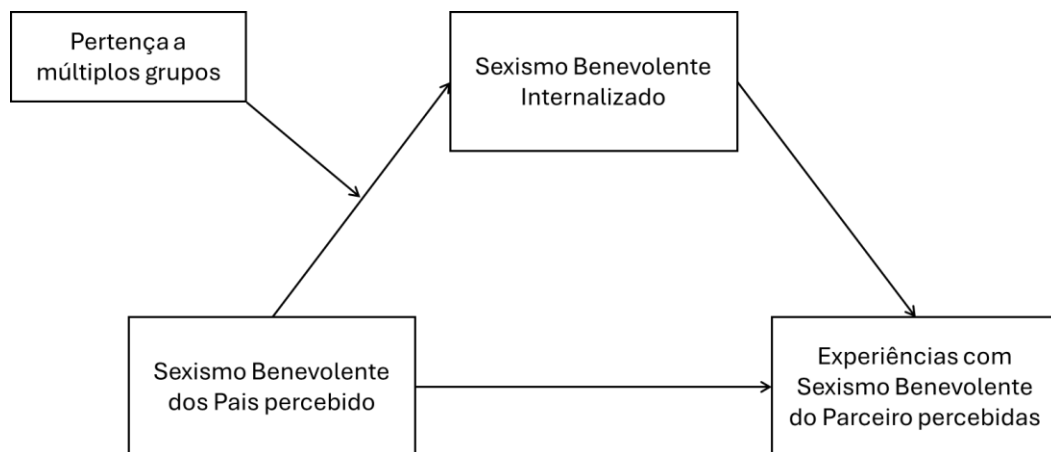
H1: Existe um efeito positivo indireto entre o SB da família de origem percebido e as experiências percebidas de SB em relação ao parceiro, através do SB internalizado pela própria mulher. Isto é, quanto maior o SB percebido nos pais, maior o SB internalizado e maior as experiências percebidas com SB relativas ao parceiro. Estas correlações serão significativas nas

três dimensões de SB: paternalismo protetor, diferenciação de género complementar e intimidade heterossexual.

H2: A pertença a múltiplos grupos vai moderar a relação entre o SB dos pais percebido e o SB internalizado (ver Figura 1). Deste modo acredita-se que, se os níveis de pertença a múltiplos grupos das mulheres forem reduzidos, a relação entre o SB dos pais e o SB internalizado será significativa. Por outro lado, caso a pertença a múltiplos grupos seja elevada, deixará de existir uma relação significativa entre o SB dos pais e o SB internalizado, bloqueando a transmissão.

Figura 1

Modelo do presente estudo



Método

Participantes

A participação no estudo foi limitada a pessoas que se identificassem com o género feminino, com idade superior a 18 anos e que se encontrassem de momento num relacionamento heterossexual. Os dados deste estudo foram obtidos de uma amostra portuguesa por conveniência e bola de neve. 401 participantes acederam ao questionário, tendo sido eliminadas 176 por não responderem a nenhuma das escalas principais. A amostra final foi constituída por 225 mulheres cisgénero entre os 18 e os 66 anos ($M = 32.9$; $DP = 12.4$). Destas participantes, a grande maioria (94.5%) autocategorizou-se como branca, enquanto quatro participantes autocategorizaram-se como negras, uma participante como asiática e sete participantes como sendo de outro grupo ou de origem mista. A maior parte revelou também um grau de

escolaridade superior (74.7%), havendo 49 participantes com ensino obrigatório e seis participantes com grau inferior. A maioria das participantes afirma viver ou viver confortavelmente com o rendimento atual (84.1%), comparativamente a 27 participantes que indicam ser difícil ou muito difícil viver com o rendimento atual.

As participantes indicaram ainda, na sua maioria, ter uma orientação sexual heterossexual (90.3%) e as restantes uma orientação bissexual (7.8%) ou outra (1.8%). A maior parte destas mulheres revelou estar num relacionamento monogâmico (99.1%) e pouco mais de metade indica que vive com o parceiro em regime de coabitação (56.9%). Grande parte das participantes encontrava-se na relação com o parceiro atual até há 10 anos (68.4%), sendo que as restantes se encontravam há mais de 10 anos nessa relação (31.6%) (Ver Tabela 1).

Tabela 1

Descrição Sociodemográfica das Participantes do Estudo (n=225)

	M	DP	n	%
Idade	32.9	12.4		
Habilitações literárias				
Até 3º ciclo			6	2.8
Ensino secundário			49	22.6
Licenciatura ou superior			162	74.7
Autocategorização étnico-racial				
Branco			205	94.5
Negro			4	1.8
Asiático			1	.5
Outro grupo/origem mista			7	3.2
Orientação sexual				
Heterossexual			196	90.3
Bissexual			17	7.8
Outra			4	1.8
Rendimento percebido	1.9	1.1		
Modelo Relacional				
Monogâmico			212	99.1
Não monogâmico			2	.9
Coabitação				
Coabita			123	56.9
Não coabita			93	43.1
Duração da relação				
0-10 anos			147	68.4
11-20 anos			30	13.9
21-30 anos			28	13.0
Acima de 31 anos			10	4.7

Instrumentos

As participantes responderam a um questionário com dois blocos principais³. No primeiro bloco estavam incluídas três escalas pela seguinte ordem: duas Escalas de Sexismo Benevolente (Glick & Fiske, 1996), uma relativa ao SB do pai/mãe/cuidador(a) (Escala do Sexismo Benevolente dos Pais percebido) e outra relativa ao SB internalizado (Escala do Sexismo Benevolente Internalizado); a Escala de Experiências com Sexismo Benevolente do Parceiro (Salomon et al., 2020); e a Escala de Pertença a Múltiplos Grupos (Haslam et al., 2008). Foi desenvolvido um questionário sociodemográfico (ver Anexo 2) para aceder a algumas informações relevantes para o presente estudo, nomeadamente a idade, a autocategorização étnico-racial, o grau de habilitações literárias, o rendimento percebido (medido de 1 = “o rendimento atual permite viver confortavelmente” a 4 = “é muito difícil viver com o rendimento atual”), a identidade de género, a orientação sexual, o modelo relacional, se coabitava ou não com o parceiro e qual a duração da relação atual.

Escala do Sexismo Benevolente dos Pais Percebido

Foi utilizada a Escala do Sexismo Benevolente, retirada do *Ambivalent Sexism Inventory* (ASI, Glick & Fiske, 1996), recorrendo-se à adaptação para português do estudo de Costa e colaboradores (2015). Esta escala possui 11 afirmações que avaliam as crenças benevolentes do sexismo, medidas através de escalas de cinco pontos (de 1 = “discordo completamente” a 5 = “concordo completamente”). Os 11 itens estão divididos em três subdomínios do Sexismo Benevolente, de acordo com a Teoria do Sexismo Ambivalente (Glick & Fiske, 1996): Paternalismo Protetor (e.g., “As mulheres deviam ser estimadas e protegidas pelos homens”), Diferenciação de Género Complementar (e.g., “Muitas mulheres têm uma qualidade de pureza que poucos homens possuem”) e Intimidade Heterossexual (e.g., “Todo o homem devia ter uma mulher que ele adore”). De forma, a arremeter para as perceções que as participantes tinham do SB dos pais, acrescentou-se no início de cada item “Para os meus pais ou pessoas que me criaram” (e.g., “Para os meus pais ou pessoas que me criaram, as mulheres deviam ser estimadas e protegidas pelos homens.”; ver Anexo 3).

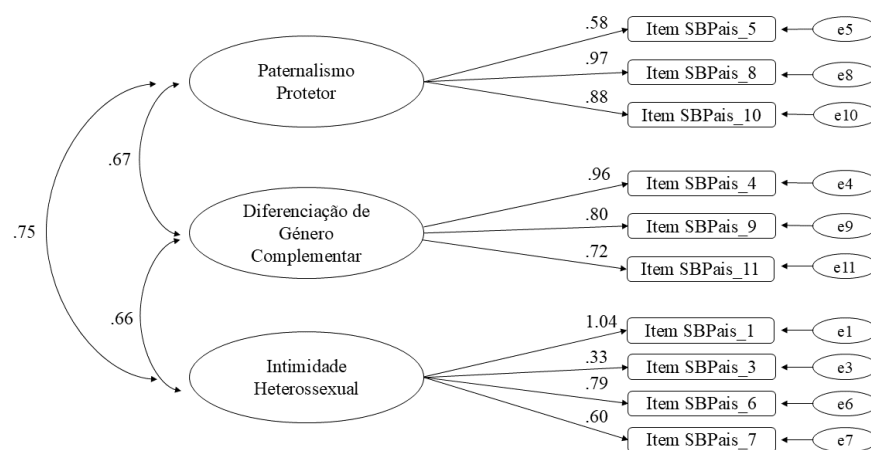
Começamos por realizar uma Análise Fatorial Confirmatória recorrendo ao JASP e utilizando o estimador DWLS. A estrutura inicialmente proposta, embora tenha apresentado

³ Estava também presente a Escala da Autoestima de Rosenberg que não foi incluída na presente dissertação por estar incluída noutra projeto.

índices de ajustamento aceitáveis, apresentou um item (2) com peso fatorial abaixo de .30. Após a exclusão deste item, verificou-se que a escala apresentava índices de ajustamento adequados ($\chi^2/gl = .794$, $CFI = 1.000$, $TLI = 1.013$, $RMSEA (90\% IC) = .000 [.000, .034]$), confirmando o modelo multifatorial (ver Figura 2). De seguida, calcularam-se as médias dos itens integrantes em cada um dos 3 fatores: o PP com três itens ($\alpha = .672$, $\omega = .683$, $M = 3.055$, $DP = .976$), a DGC com três itens ($\alpha = .685$, $\omega = .687$, $M = 3.170$, $DP = 1.000$) e a IH com quatro itens ($\alpha = .594$, $\omega = .608$, $M = 3.041$, $DP = .886$). A escala revelou uma consistência interna global aceitável ($\alpha = .787$, $\omega = .825$).

Figura 2

Modelo Trifatorial do Sexismo Benevolente dos Pais percebido



Escala do Sexismo Benevolente Internalizado

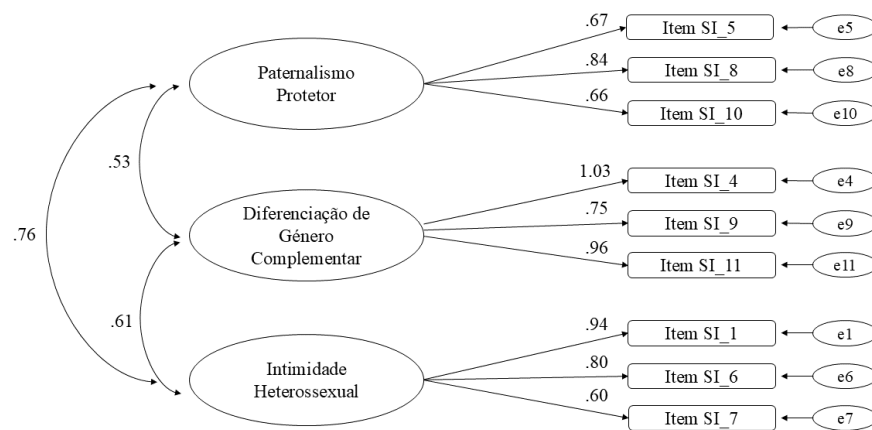
Para medir o Sexismo Benevolente Internalizado recorreu-se novamente a escala de Glick e Fiske (1996), com a adaptação para português de Costa e colaboradores (2015). Para servir o propósito de reforçar a dimensão internalizada do SB, acrescentou-se no início de cada item “Para mim (...)”, por exemplo: “Para mim, as mulheres deviam ser estimadas e protegidas pelos homens” (ver Anexo 4).

Começamos por realizar uma Análise Fatorial Confirmatória recorrendo ao JASP e utilizando o estimador DWLS. A estrutura inicialmente proposta, embora tenha apresentado índices de ajustamento aceitáveis, apresentou dois itens (2 e 3) com pesos fatoriais abaixo de .30. Após a exclusão destes itens, a escala revelou uma estrutura idêntica ao estudo original,

com índices de ajuste satisfatórios ($\chi^2/df = .617$, $CFI = 1.000$, $TLI = 1.020$, $RMSEA$ (90% IC) = .000 [.000, .018]) (ver Figura 3). Foram computados, então, três fatores e calculadas as respectivas médias: de três itens referentes ao fator Paternalismo Protetor ($\alpha = .627$, $\omega = .621$, $M = 2.670$, $DP = .917$), de três itens referentes ao fator Diferenciação de Género Complementar ($\alpha = .758$, $\omega = .759$, $M = 2.786$, $DP = 1.052$) e de três itens referentes ao fator Intimidade Heterossexual ($\alpha = .624$, $\omega = .645$, $M = 2.378$, $DP = .968$). A escala no seu todo apresentou uma consistência interna aceitável ($\alpha = .790$, $\omega = .825$).

Figura 3

Modelo Trifatorial do Sexismo Benevolente Internalizado



Escala de Experiências com Sexismo Benevolente do Parceiro (Salomon et al., 2020)

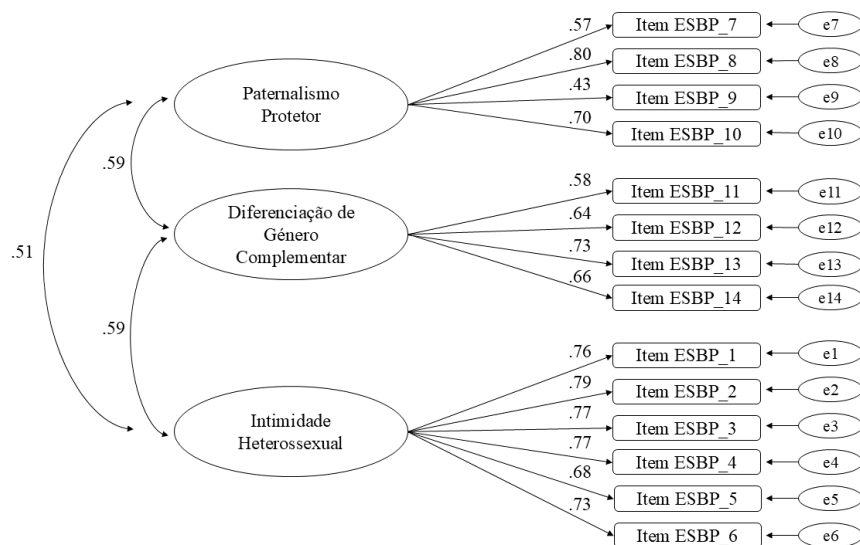
Esta medida foi retirada do *Experiences with Ambivalent Sexism Inventory* (EASI; Salomon et al., 2020), sendo apenas incluída no presente estudo a escala relativa às experiências com o sexismo benevolente. Procedeu-se à sua adaptação para recolher informação relativa às experiências sexistas benevolentes com o parceiro atual. A Escala de Experiências com Sexismo Benevolente do Parceiro é constituída por 14 itens divididos por três subdomínios, de acordo com a teoria de Glick e Fiske (1996): o Paternalismo Protetor (e.g., “Na sua relação, com que frequência o seu parceiro a tem tratado com mais gentileza ou delicadeza do que você a ele?”); a Diferenciação de Género Complementar (e.g., “Na sua relação, com que frequência o seu parceiro a tem tratado como se fosse mais inocente do que ele?”); e a Intimidade Heterossexual (e.g., “Na sua relação, com que frequência o seu parceiro a tem tratado como se dependesse de si para a sua felicidade pessoal?”). As respostas eram dadas através de uma escala

de medida de sete pontos [$1 =$ “Isto nunca me aconteceu”, a $7 =$ “Isto aconteceu com muita frequência (mais do que duas vezes por semana)”]. Antes de preencherem a escala, era dada uma pequena instrução às participantes (ver Anexo 5).

Não existindo validação da escala para a população portuguesa, procedeu-se à tradução da mesma para a língua portuguesa. Neste processo, após a sua tradução, seguiu-se a retroversão e revisão final por um terceiro tradutor independente. A análise fatorial confirmatória garantiu a estrutura fatorial proposta no estudo original, com índices de ajustamento adequados ($\chi^2/gl = 1.596$, $CFI = .981$, $TLI = .976$, $RMSEA$ (90% IC = $.052$ [$.033$, $.068$]), e com a saturação estandardizada dos itens acima de $.30$ (ver Figura 4). De seguida, foram computados três fatores: o PP com quatro itens ($\alpha = .720$, $\omega = .727$, $M = 3.374$, $DP = 1.313$), a DGC com quatro itens ($\alpha = .747$, $\omega = .753$, $M = 2.959$, $DP = 1.353$) e a IH com seis itens ($\alpha = .885$, $\omega = .890$, $M = 3.367$, $DP = 1.470$). A escala revelou uma boa consistência interna ($\alpha = .874$, $\omega = .901$).

Figura 4

Modelo Trifatorial das Experiências com Sexismo Benevolente do Parceiro



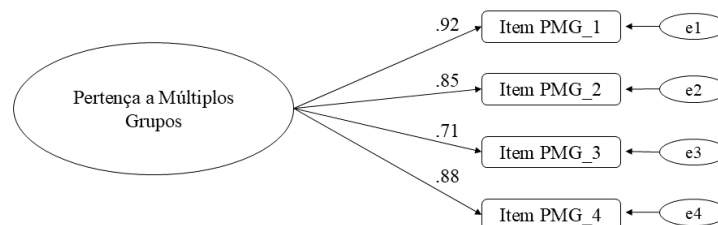
Escala de Pertença a Múltiplos Grupos (Haslam et al., 2008)

Para averiguar o nível de pertença grupal das participantes utilizou-se a escala de Pertença a Múltiplos Grupos (Haslam et al., 2008) que, através de quatro itens (e.g., “Participo em atividades de muitos grupos diferentes”), analisava a capacidade de as participantes pertencerem a múltiplos grupos, numa escala de medida de cinco pontos ($1 =$ “discordo completamente”, $5 =$ “concordo completamente”). Não existindo validação da escala para

população portuguesa, procedeu-se à tradução da mesma para a língua portuguesa (ver Anexo 6). Após a tradução seguiu-se a retroversão e revisão final por um terceiro tradutor independente. Através da análise fatorial confirmatória testou-se o modelo unifatorial proposto no estudo original, revelando índices de ajustamento adequados ($\chi^2/gf = .367$, $CFI = 1.000$, $TLI = 1.005$, $RMSEA (90\% IC) = .000 [.000, .099]$) e saturações estandardizadas dos itens acima de .30 (ver Figura 5). Foi computado um índice geral com a média dos quatro itens ($\alpha = .905$, $\omega = .909$, $M = 3.963$, $DP = 1.728$), revelando uma excelente consistência interna.

Figura 5

Modelo Unifatorial da Pertença a Múltiplos Grupos



Procedimento

Este é um estudo quantitativo com um delineamento transversal. Utilizou-se a plataforma *Qualtrics* para realizar o questionário online. O questionário foi divulgado nas redes sociais (i.e., *Facebook*, *Instagram* e *Whatsapp*), com a indicação de que se destinava a todas as mulheres com idade igual ou superior a 18 anos, que se identificassem com o género feminino e que se encontrassem num relacionamento heterossexual atualmente. O questionário estava dividido em quatro partes (SB dos pais percebido, SB internalizado, experiências com SB do parceiro e dados sociodemográficos) e tinha uma duração aproximada de 15 minutos. Nas indicações dadas às participantes foi descrito o objetivo do estudo e apresentou-se o consentimento informado (ver Anexo 1), assegurando-se a confidencialidade dos dados das participantes, a participação voluntária no estudo e a possibilidade de desistir a qualquer momento, não existindo qualquer risco ou prejuízo para a participante.

Uma vez finalizada a recolha, os dados foram inseridos e analisados no *IBM SPSS Statistics*, com recurso a análises descritivas, de correlação e com ajuda do programa *PROCESS Macro* (versão 4.2). A Análise Fatorial Confirmatória e de fiabilidade foram realizadas no programa *JASP*.

Resultados

Para uma primeira observação dos resultados, analisou-se as relações existentes entre as três variáveis estudadas (SB dos pais percebido, SB internalizado, experiências com SB do parceiro), como demonstra a Tabela 2. A subescala Paternalismo Protetor dos pais relacionou-se positiva e significativamente com cada uma das três subescalas do SB internalizado. As subescalas Diferenciação de Género Complementar e Intimidade Heterossexual do SB dos pais apresentaram também correlações positivas significativas com a Diferenciação de Género Complementar e Intimidade Heterossexual do SB internalizado, não sendo significativa a relação das mesmas com a subescala Paternalismo Protetor. Por sua vez, o SB internalizado apresentou relações significativas com as experiências com sexismo benevolente (ESB) do parceiro, em todas as subescalas. Por fim, as três subescalas do SB dos pais correlacionaram positivamente e de forma significativa com todas as três subescalas das ESB do parceiro.

Tabela 2

Correlações entre o Sexismo Benevolente dos Pais, o Sexismo Benevolente Internalizado e as Experiências com Sexismo Benevolente do Parceiro

Variáveis	SB Pais			SB Internalizado			ESB Parceiro		
	1a	1b	1c	2a	2b	2c	3a	3b	3c
1. SB Pais									
1a. PP	-								
1b. DGC	.459**	-							
1c. IH	.461**	.425**	-						
2. SB Internalizado									
2a. PP	.481**	.104	.118	-					
2b. DGC	.283**	.477**	.321**	.353**	-				
2c. IH	.280**	.174*	.343**	.499**	.426**	-			
3. ESB Parceiro									
3a. PP	.374**	.282**	.226**	.333**	.275**	.223**	-		
3b. DGC	.312**	.266**	.277**	.262**	.275**	.317**	.441**	-	
3c. IH	.209**	.167*	.216**	.254**	.146*	.239**	.418**	.485**	-

Nota. PP: Paternalismo Protetor; DGC: Diferenciação de Género Complementar; IH: Intimidade Heterossexual; SB: Sexismo Benevolente; ESB: Experiências com Sexismo Benevolente. * $p < .01$ ** $p < .001$

Com o propósito de testar a hipótese 1 e a hipótese 2 do presente estudo, realizou-se uma análise de mediação e uma análise de mediação moderada, com os modelos 4 e 7, respectivamente (Hayes, 2022), com *bootstrapping* de 5000 simulações. Para o efeito utilizou-se o *PROCESS* Macro (versão 4.2).

Tendo em conta os resultados da análise de mediação na dimensão Paternalismo Protetor (PP), verifica-se que existe um efeito significativo do SB-PP dos pais na variável mediadora, SB-PP internalizado ($b = .4522, SE = .0552, IC\ 95\% [.3435, .5609]$). Relativamente ao modelo do *b-path*, o efeito da variável SB-PP internalizado nas ESB-PP do parceiro é significativo ($b = .2848, SE = .0999, IC\ 95\% [.0880, .4816]$). Para o modelo *c'-path*, o efeito direto do SB-PP dos pais nas ESB-PP do parceiro revelou-se igualmente significativo ($b = .3747, SE = .0938, IC\ 95\% [.1898, .5596]$), assim como o efeito indireto ($b = .1288, SE = .0488, IC\ 95\% [.0380, .2313]$). Deste modo, constata-se que o SB-PP internalizado medeia aproximadamente 25.58% da relação entre o SB-PP dos pais e as ESB-PP do parceiro.

Analisando a mediação referente à dimensão Diferenciação de Género Complementar (DGC), constata-se que a relação entre o SB-DGC dos pais e o SB-DGC internalizado foi igualmente significativo ($b = .5021, SE = .0620, IC\ 95\% [.3799, .6244]$). No modelo *b-path*, o efeito entre o SB-DGC internalizado e as ESB-DGC do parceiro revelou-se significativo ($b = .2479, SE = .0937, IC\ 95\% [.0632, .4325]$) e no modelo *c'-path*, tanto o efeito direto ($b = .2346, SE = .0985, IC\ 95\% [.0404, .4288]$), como o efeito indireto ($b = .1245, SE = .0521, IC\ 95\% [.0253, .2331]$) se mostraram estatisticamente significativos. Neste sentido, a relação entre o SB-DGC dos pais e as ESB-DGC do parceiro é mediada em aproximadamente 34.67% pelo SB-DGC internalizado.

No que concerne à dimensão da Intimidade Heterossexual (IH), a análise de mediação revelou igualmente efeitos significativos. A relação entre o SB-IH dos pais e o SB-IH internalizado obteve um efeito significativo ($b = .3741, SE = .0688, IC\ 95\% [.2386, .5096]$). No modelo *b-path*, o efeito da variável SB-IH internalizado na variável ESB-IH do parceiro mostrou-se significativo ($b = .2994, SE = .1044, IC\ 95\% [.0936, .5051]$). No modelo *c'-path* verificou-se um efeito direto significativo entre o SB-IH dos pais e as ESB-IH do parceiro ($b = .2455, SE = .1139, IC\ 95\% [.0322, .4700]$), assim como um efeito indireto significativo ($b = .1120, SE = .0456, IC\ 95\% [.0310, .2063]$). Assim, constata-se que a relação entre o SB-IH dos pais e as ESB-IH do parceiro é mediada em aproximadamente 31.33% pelo SB-IH internalizado.

Relativamente à análise da mediação moderada, apenas a componente IH mostrou efeitos significativos entre as variáveis. Os resultados indicam que a Pertença a Múltiplos Grupos modera a mediação do SB-IH internalizado na relação entre o SB-IH dos pais e as ESB-IH do parceiro, sendo que o índice da mediação moderada foi significativo (*índice* = -.0259, *IC 95%* [-.0584, -.0011]), pois o *IC 95%* não inclui o zero (ver Tabela 3). Como é possível observar na Figura 6, verifica-se uma relação significativa entre a variável SB-IH dos pais e a variável SB-IH internalizado, somente quando os valores da Pertença a Múltiplos Grupos eram baixos ($b = .5180$, $SE = .0954$, $IC\ 95\% [.3299, .7061]$) ou moderados ($b = .3548$, $SE = .0700$, $95\%\ IC [.2168, .4928]$). Quando os valores da variável moderadora subiam, a relação entre o SB-IH dos pais e o SB-IH internalizado deixava de ser significativa ($b = .1917$, $SE = .0975$, $95\%\ IC [-.0005, .3838]$). Para as restantes dimensões, o modelo não se mostrou significativo.

Figura 6

Efeito Moderador da Pertença a Múltiplos Grupos no SB-IH dos Pais percebido para o SB-IH Internalizado

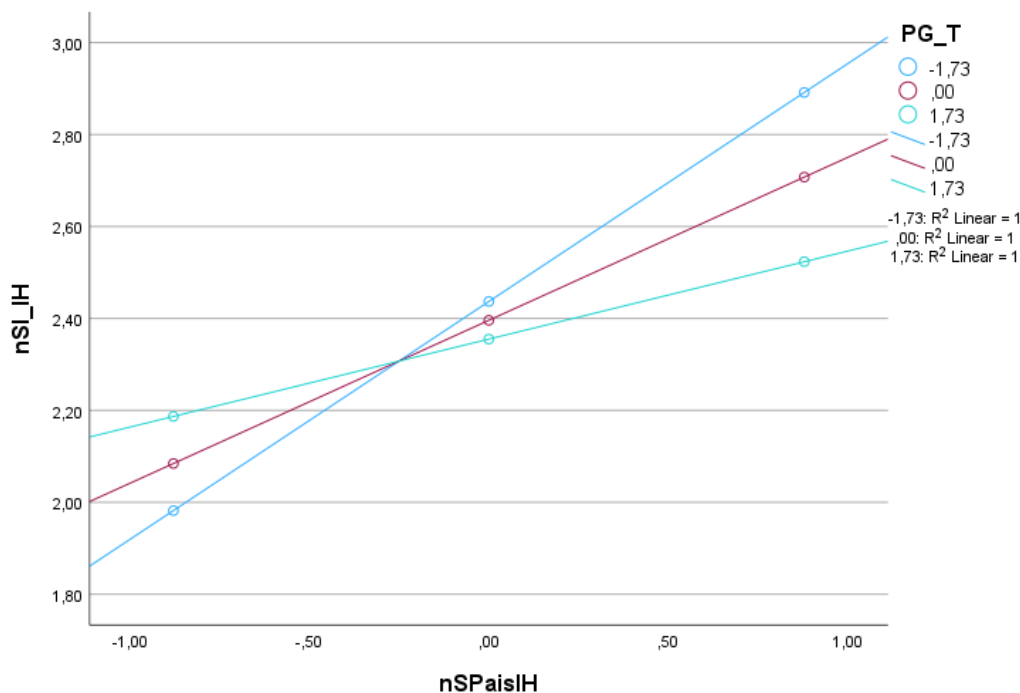


Tabela 3

Resultados da Mediação Moderada da Pertença a Múltiplos Grupos no Paternalismo Protetor, na Diferenciação de Género Complementar e na Intimidade Heterossexual

Equação de Regressão (n = 225)			Índices de Ajustamento		Coeficientes		
Variável Dependente	Variável	Variável Preditora	R ²	F(gl)	B	SE	95% CI
Paternalismo Protetor	SB Internalizado	SB Pais percebido	.2349	22.1056 (3, 216)**	.4472	.0554	[.3380, .5565]
		Pertença a Múltiplos Grupos			-.0295	.0312	[-.0910, .0321]
		SB Pais percebido x Pertença a Múltiplos Grupos			-.0225	.0302	[-.0819, .0370]
	ESB do Parceiro	SB Pais percebido	.1521	19.4600 (2, 217)**	.3610	.0953	[.1732, .5488]
		SB Internalizado			.2591	.1023	[.0575, .4607]
Diferenciação de Género Complementar	SB Internalizado	SB Pais percebido	.2162	19.7661 (3, 215)**	.4818	.0636	[.3565, .6070]
		Pertença a Múltiplos Grupos			-.0482	.0361	[-.1194, .0229]
		SB Pais percebido x Pertença a Múltiplos Grupos			.0231	.0366	[-.0490, .0952]
	ESB do Parceiro	SB Pais percebido	.0835	9.8426 (2, 216)**	.2206	.1002	[.0231, .4180]
		SB Internalizado			.2305	.0952	[.0428, .4182]
Intimidade Heterossexual	SB Internalizado	SB Pais percebido	.1310	10.8001 (3, 215)**	.3548	.0700	[.2168, .4928]
		Pertença a Múltiplos Grupos			-.0237	.0356	[-.0938, .0465]
		SB Pais percebido x Pertença a Múltiplos Grupos			-.0945	.0384	[-.1702, -.0188]
	ESB do Parceiro	SB Pais percebido	.0624	7.1854 (2, 216)**	.1979	.1145	[-.0277, .4235]
		SB Internalizado			.2743	.1042	[.0690, .4797]

Nota. SB: Sexismo Benevolente; ESB: Experiências de Sexismo Benevolente. ** p <.001

Explorações adicionais sobre a causalidade do modelo

Na sequência da apresentação da literatura que argumentava também a favor de um modelo em que o SB internalizado fosse considerado a variável dependente das ESB do parceiro, procedemos ao teste do modelo de mediação com esta inversão. Uma vez que se trata de um estudo transversal, estes modelos (ver Anexo 7) mostraram-se também significativos para as três dimensões de sexismo benevolente.

De modo a poder, de alguma forma, contribuir para a compreensão de qual a variável que maior efeito tem ao nível do SB internalizado, realizámos regressões linear múltiplas, tendo como preditores a perceção de SB dos pais e as ESB do parceiro e como variável dependente o SB internalizado. Procurámos, assim, isolar o efeito de cada preditor, controlando o efeito do outro preditor. Os resultados demonstram que para os três fatores – PP, DCG e IH – ambos predizem a variável dependente (ver Tabela 4).

Tabela 4

Regressão Linear Múltipla – SB dos Pais percebido e Experiências com SB do Parceiro predizem SB Internalizado

	Variável	B	SE	IC 95%	β	p
Paternalismo Protetor	Constante	1.060	.192	[.683, 1.438]	-	< .001
	SB Pais percebido	.390	.059	[.274, .505]	.415	< .001
	ESB do parceiro	.124	.044	[.038, .210]	.178	.005
Diferenciação de Género Complementar	Constante	.966	.221	[.531, 1.401]	-	< .001
	SB Pais percebido	.458	.063	[.333, .583]	.435	< .001
	ESB do parceiro	.124	.047	[.032, .216]	.160	.009
Intimidade Heterossexual	Constante	.974	.234	[.512, 1.436]	-	< .001
	SB Pais percebido	.331	.069	[.195, .468]	.304	< .001
	ESB do parceiro	.120	.042	[.037, .202]	.182	.005

Nota. Paternalismo Protetor: $R^2 = .259$, $F(2, 222) = 38.753$, $p < .001$; Diferenciação de Género Complementar: $R^2 = .252$, $F(2, 221) = 37.148$, $p < .001$; Intimidade Heterossexual: $R^2 = .149$, $F(2, 221) = 19.394$, $p < .001$.

No entanto, e para o objetivo do nosso estudo, verificámos também que o tamanho do efeito, como indicado pelo β , é sempre maior para o efeito do sistema da família de origem, do que é para o sistema conjugal.

Discussão

Este estudo contribuiu para a literatura referente ao sexismo benevolente (SB) e teve como objetivo compreender de que forma o SB da família de origem percebido, o SB internalizado e as experiências percebidas com SB do parceiro se relacionam entre si, assim como investigar o papel da pertença a múltiplos grupos nesta relação. Pretendeu-se também avaliar a circularidade destas variáveis, isto é, até que ponto, tanto o SB dos pais como as experiências com SB do parceiro, serão ambos preditores do SB internalizado.

Os resultados confirmam a primeira hipótese, evidenciando que existe um efeito indireto entre o SB dos pais, o SB internalizado e as experiências com SB do parceiro. Isto significa que a transmissão intergeracional das crenças sexistas benevolentes encontra-se relacionada com as vivências sexistas benevolentes com o parceiro, no sentido em que, a internalização destas crenças, contribui para que as mulheres experienciem estas vivências no seu dia a dia com o parceiro atual. Do mesmo modo, o SB dos pais percebido correlaciona-se de forma positiva e significativa com as experiências com SB do parceiro, com e sem a explicação do SB internalizado. Lee e colegas (2010) constataram que os elevados níveis de sexismo internalizado contribuíam para a preferência de parceiros que correspondiam às suas idealizações sexistas. Neste sentido, as mulheres teriam uma tendência para escolherem um parceiro que cumprisse com a vivência de SB que anseiam. O presente estudo comprovou esta tendência, sugerindo que existe um certo padrão a seguir na escolha do parceiro, padrão esse que vem também da família de origem.

No âmbito da transmissão intergeracional, alguns estudos indicavam a existência da associação entre o SB das mães e o SB das filhas adolescentes (Garaigordobil & Aliri, 2011; Feigt et al., 2022; Montañés et al., 2012). Contudo, não era certo que esta transmissão permanecia na fase adulta das mesmas. Apesar de este ser um estudo baseado na percepção das mulheres, esta investigação providenciou algumas provas de que a associação do SB dos pais, mães ou cuidadores/as com o SB das mulheres permanece mesmo na idade adulta.

Estas descobertas preenchem uma lacuna relevante na literatura. Não só o SB é transmitido entre gerações, como já verificado (e.g., Feigt et al., 2022), como também esse

mesmo sexismo aprendido com a família de origem está relacionado com o SB que a mulher experiencia com o parceiro atual. Neste sentido, acaba-se por criar um ciclo na vida das mulheres, em que o SB que percebem da família de origem é experienciado novamente na relação com o parceiro (que ora pertence à família nuclear atual, ora poderá vir ainda a pertencer).

Com o intuito de contribuir para a discussão teórica sobre a causalidade da influência entre sistemas, realizou-se uma análise exploratória, de modo a perceber se o modelo invertido seria igualmente significativo, isto é, tendo as experiências com SB do parceiro como variável mediadora da relação entre o SB internalizado e o SB dos pais percebido. Após se comprovar a eficácia destes modelos em todas as dimensões, realizou-se uma comparação direta dos efeitos do SB dos pais e das experiências com o SB do parceiro, verificando-se que ambos afetam o SB internalizado, mas que o SB dos pais tem um efeito de maior magnitude.

Com base nestas evidências, avançamos uma nova hipótese explicativa para os resultados acima descritos. O SB parece atuar através do ciclo de vida das mulheres, reforçando-se com a inserção em cada novo sistema. É transmitido pela família de origem e, conseqüentemente, mantido na família nuclear atual, através de um parceiro que corresponda às suas expectativas sexistas. As mulheres, especialmente as que se encontram num relacionamento, relatam, de facto, que experienciam mais episódios sexistas benevolentes do que hostis (Oswald et al., 2019). Estas experiências com SB provenientes do parceiro que escolheram, por sua vez, acabam por adotar um papel de manutenção ou até de aprofundamento do SB internalizado na mulher. Num estudo longitudinal, Hammond e colegas (2016) descobriram que o SB das mulheres diminuía ao perceberem níveis baixos de SB no parceiro. Por outro lado, os níveis de SB internalizado tendiam a manter-se ao longo do tempo e até a aumentar, caso percecionassem níveis elevados de SB no parceiro. Estes resultados suportam parte da nossa hipótese, entendendo que as experiências com SB do parceiro têm impacto no SB internalizado. Não obstante, é importante realçar que, no presente estudo, o SB dos pais percebido explicou melhor o SB internalizado do que as experiências com SB dos parceiros.

Relativamente à segunda hipótese, os resultados confirmam o modelo proposto numa das dimensões do SB: a intimidade heterossexual. Apenas nesta dimensão foi possível verificar o papel moderador da pertença a múltiplos grupos na mediação do SB internalizado na relação entre o SB dos pais percebido e as experiências com SB do parceiro. Quando os níveis de pertença a múltiplos grupos eram baixos ou médios, a mediação permanecia significativa, ou

seja, a transmissão do SB permanecia entre as três variáveis. Pelo contrário, quando os níveis da pertença a múltiplos grupos eram elevados, a relação entre as variáveis deixava de ser significativa, isto é, deixava de existir uma transmissão das crenças sexistas benevolentes dos pais para as experiências com SB do parceiro, no âmbito da intimidade heterossexual. Estas descobertas evidenciam a importância dos grupos no bloqueio da transmissão intergeracional do SB e, conseqüentemente, na escolha de um parceiro que apresente menos comportamentos e atitudes no âmbito da intimidade heterossexual.

A pertença a múltiplos grupos enquanto fator protetor do bem-estar individual foi comprovado na literatura (Haslam et al., 2022; Haslam et al., 2008; Cruwys et al., 2013), tal como no bloqueio da transmissão de outros tipos de opressão internalizada (Vieira, 2023). O presente estudo suporta estas descobertas, defendendo a importância da quantidade de grupos e da identidade social como a “cura social” (Jetten et al., 2012), pois através de uma maior quantidade de recursos e de identidades sociais, permite aos indivíduos adotarem estratégias diferentes e variadas na sua vida (Cruwys et al., 2014). O mesmo sucede na transmissão do SB: uma maior quantidade de grupos pode impedir alguma desta transmissão, na medida em que as mulheres adotam múltiplas identidades que podem envolver diferentes perspetivas no que concerne àquilo que são as crenças e comportamentos sexistas benevolentes.

De facto, este bloqueio sucedeu apenas na dimensão intimidade heterossexual. Esta dimensão pressupõe a dependência diádica entre homem e mulher, considerando que o homem só é completo tendo uma parceira que atenda às necessidades do mesmo e que desempenhe um papel submisso e tradicional (Glick & Fiske, 1996). Oswald e colegas (2019) descobriram que as experiências com a intimidade heterossexual eram percebidas como menos sexistas, propondo que estas podem ser o motor que mantém a relação romântica funcional para mulheres que percebem o seu parceiro como tendo elevados níveis de sexismo ambivalente. Contudo, ao pertencer a uma variedade de grupos sociais, a mulher acaba não só por adotar diferentes perspetivas do mundo, como também criar uma ou várias identidades sociais, afastando-se, como verificamos neste estudo, das crenças sexistas transmitidas pela família de origem. Neste sentido, uma maior quantidade de sistemas sociais dificultará a internalização de uma visão de dependência do parceiro, visto que, estando envolvida em mais sistemas, esta relação não será a única com a qual a mulher criará sentimentos de pertença, não estando tão dependente da mesma.

Permanece a questão: por que razão a pertença a múltiplos grupos não funcionou como bloqueador nas outras duas dimensões do SB? Quando colocadas em análise, tanto o

paternalismo protetor como a diferenciação de género complementar são dimensões capazes de persistir e se manter noutros sistemas sociais, para além da família de origem. A crença de que a mulher deve ser protegida por um homem (paternalismo protetor), tanto não entra em conflito com outros sistemas, como pode até ser transversal a outros grupos sociais, para além dos sistemas familiares e conjugais. Do mesmo modo, a perspetiva de que homem e mulher se complementam (diferenciação de género complementar), apresentando cada um características e papéis próprios, é também passível de ser mantida noutros sistemas sociais, não interferindo com as crenças sexistas da mulher. Por outro lado, a intimidade heterossexual, pelas razões debatidas acima, interfere com a pertença a outros sistemas, no sentido em que, quanto menos grupos sociais, mais dependente estará do seu parceiro.

Limitações e Estudos Futuros

Este estudo apresentou algumas limitações que poderão ter implicações nos resultados obtidos. Primeiramente, identifica-se uma limitação nas características sociodemográficas da amostra, que constitui, sobretudo, mulheres com um nível de escolaridade superior (74.7%) e um rendimento percebido como suficiente ou confortável (84.1%). Deste modo, deve-se ter especial atenção à inserção sociodemográfica dos resultados aqui analisados. Também no que concerne à orientação sexual, esta representa maioritariamente mulheres em relações cis heteronormativas. De facto, a literatura tende a focar-se nas relações heterossexuais monogâmicas e, por isso, não existe uma comparação entre outros tipos de relação não cis heteronormativas (Mastari et al., 2019). Neste sentido, seria importante averiguar que resultados o modelo apresentado teria em relações menos normativas.

Outra limitação centra-se na questão de as escalas utilizadas para medir as experiências com SB do parceiro e a pertença a múltiplos grupos não se encontrarem validadas para a população portuguesa, apesar da positiva qualidade psicométrica das mesmas. Por outro lado, as escalas utilizadas para medir o SB (internalizado e dos pais percebido) apresentaram algumas condicionantes (itens com pesos fatoriais abaixo do recomendável) que não permitiram a sua utilização fiel ao estudo original. Contudo, optou-se pela exclusão destes itens, de modo a melhorar a fiabilidade das escalas.

Emerge como relevante realçar o facto de as variáveis remeterem apenas para a perceção das mulheres, impossibilitando a retirada de conclusões mais objetivas, uma vez que a perceção de cada mulher é diferente da realidade efetiva. No entanto, e de acordo com o nosso

objetivo, ao analisar a percepção da mulher, procurou-se também entender a sua realidade percebida e assim compreender a prevalência do SB na sua vida, segundo a sua percepção. Não descurando o propósito do presente estudo, seria interessante avaliar, em investigações futuras, se os resultados obtidos neste projeto se verificam em amostras de díades entre pais e filhas (adultas) e/ou entre díades de mulheres e respetivos parceiros.

Nesta mesma linha, considera-se necessária alguma cautela na leitura dos resultados, visto que o efeito moderador da pertença a múltiplos grupos surgiu apenas numa dimensão do SB e não no seu todo. Sugere-se, então, aprofundar a descoberta da pertença a múltiplos grupos no bloqueio da transmissão intergeracional do sexismo benevolente, procurando outras medidas da teoria da identidade social (e.g., o nível de identificação grupal, o número de grupos importantes para a mulher) que possam apresentar resultados mais eficazes com as três dimensões do SB. Nas investigações futuras, sugere-se também estudar a compatibilidade entre grupos de pertença, na medida em que, grupos que se aproximem mais das crenças sexistas aprendidas com a família de origem, podem não apresentar os resultados pretendidos, por adotarem uma visão semelhante à mesma. Por outro lado, grupos menos compatíveis e diferentes da família podem ajudar a reduzir os meios de internalização de SB.

Neste estudo transversal não é possível inferir causalidade. Assim, aponta-se para a relevância de estudos futuros investirem na confirmação desta hipótese de que o SB da família de origem percebido e as experiências sexistas benevolentes com o parceiro percecionadas pela mulher influenciam o SB internalizado.

Implicações Clínicas

O presente estudo foi o primeiro a integrar o SB numa perspetiva sistémica, que abrange a sua transmissão da família de origem para a mulher e, por conseguinte, para a família nuclear atual, remetendo para o parceiro romântico. Esta descoberta tem implicações pertinentes para a prática clínica, no que concerne a uma melhor compreensão da origem e manutenção destas crenças na mulher, apesar de estas serem prejudiciais para as mesmas.

Na literatura, as intervenções que se demonstraram mais eficazes na redução do SB em mulheres integram, sobretudo, estudos com exposição a informação sobre as consequências negativas do SB (Becker & Swim, 2012) e intervenções que aumentem a consciencialização para a presença do SB na vida diária das mulheres (Becker & Swim, 2011). Os resultados obtidos nesta investigação sugerem um possível novo meio de intervenção: os grupos sociais.

A quantidade de grupos que uma mulher integra limita, em parte, a transmissão intergeracional do SB. Este tipo de crença acaba por ser (des)construído através de outros sistemas sociais, sendo que a família deixa de ser o único meio de socialização. Do mesmo modo, uma identidade social mais complexa parece impedir a dependência da mulher no homem, reduzindo os níveis de intimidade heterossexual, visto que a mulher pertence a outros grupos que contribuem para a sua identidade, não estando dependente de um único sistema.

Seguindo uma abordagem sistêmica, ao incluirmos outros sistemas sociais para além da família de origem, encontramos as competências e ferramentas necessárias dentro do sistema das próprias mulheres para conseguir combater o sexismo benevolente. Neste sentido, a intervenção clínica deve focar-se na promoção de uma identidade social múltipla, de maneira a diminuir o nível de SB internalizado nas mulheres. Este bloqueio da transmissão intergeracional contribuirá não só para impedir o ciclo do SB na vida de uma mulher, mas também poderá ter um papel importante nas próximas gerações, quebrando um ciclo ainda maior.

Referências

- Allport, G. W. (1954). *The nature of prejudice*. Addison-Wesley.
- Bareket, O., & Fiske, S. T. (2023). A systematic review of the ambivalent sexism literature: Hostile sexism protects men's power; benevolent sexism guards traditional gender roles. *Psychological Bulletin*, 149(11–12), 637–698. <https://doi.org/10.1037/bul0000400.supp> (Supplemental)
- Barreto, M., & Doyle, D. M. (2023). Benevolent and hostile sexism in a shifting global context. *Nature Reviews Psychology*, 2(2), 98–111. <https://doi.org/10.1038/s44159-022-00136-x>
- Barreto, M., Ellemers, N., Piebinga, L., & Moya, M. (2010). How nice of us and how dumb of me: The effect of exposure to benevolent sexism on women's task and relational self-descriptions. *Sex Roles: A Journal of Research*, 62(7–8), 532–544. <https://doi.org/10.1007/s11199-009-9699-0>
- Bearman, S., & Amrhein, M. (2014). Girls, women, and internalized sexism. In E. J. R. David (Ed.), *Internalized oppression: The psychology of marginalized groups*. (pp. 191–225). Springer Publishing Company.

- Becker, J. C. (2010). Why do women endorse hostile and benevolent sexism? The role of salient female subtypes and internalization of sexist contents. *Sex Roles: A Journal of Research*, 62(7–8), 453–467. <https://doi.org/10.1007/s11199-009-9707-4>
- Becker, J. C., & Swim, J. K. (2011). Seeing the Unseen: Attention to Daily Encounters with Sexism as Way to Reduce Sexist Beliefs. *Psychology of Women Quarterly*, 35(2), 227–242. <https://doi.org/10.1177/0361684310397509>
- Becker, J. C., & Swim, J. K. (2012). Reducing endorsement of benevolent and modern sexist beliefs: Differential effects of addressing harm versus pervasiveness of benevolent sexism. *Social Psychology*, 43(3), 127–137. <https://doi.org/10.1027/1864-9335/a000091>
- Chen, Z., Fiske, S. T., & Lee, T. L. (2009). Ambivalent sexism and power-related gender-role ideology in marriage. *Sex roles*, 60, 765–778. <https://doi.org/10.1007/s11199-009-9585-9>
- Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género (CIG) (2023). *Igualdade de Género em Portugal: Boletim Estatístico 2023*. CIG. <https://www.cig.gov.pt/area-igualdade-entre-mulheres-e-homens/indicadores/>
- Connelly, K., & Heesacker, M. (2012). Why Is Benevolent Sexism Appealing?: Associations with System Justification and Life Satisfaction. *Psychology of Women Quarterly*, 36(4), 432–443. <https://doi.org/10.1177/0361684312456369>
- Costa, P. A., Oliveira, R., Pereira, H., & Leal, I. (2015). Adaptação dos Inventários de Sexismo Moderno para Portugal: O Inventário de Sexismo Ambivalente e o Inventário de Ambivalência em Relação aos Homens. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 28(1), 126–135. <https://doi.org/10.1590/1678-7153.201528114>
- Cruwys, T., Dingle, G. A., Haslam, C., Haslam, S. A., Jetten, J., & Morton, T. A. (2013). Social group memberships protect against future depression, alleviate depression symptoms and prevent depression relapse. *Social Science & Medicine*, 98, 179–186. <https://doi.org/10.1016/j.socscimed.2013.09.013>
- Cruwys, T., Haslam, S. A., Dingle, G. A., Haslam, C., & Jetten, J. (2014). Depression and social identity: An integrative review. *Personality and Social Psychology Review*, 18(3), 215–238. <https://doi.org/10.1177/1088868314523839>

- Feigt, N. D., Domenech Rodríguez, M. M., & Vázquez, A. L. (2022). The impact of gender-based microaggressions and internalized sexism on mental health outcomes: A mother–daughter study. *Family relations*, 71(1), 201–219. <https://doi.org/10.1111/fare.12622>
- Ferragut, M., Blanca, M. J., Ortiz-Tallo, M., & Bendayan, R. (2017). Sexist attitudes and beliefs during adolescence: A longitudinal study of gender differences. *European Journal of Developmental Psychology*, 14(1), 32–43. <https://doi.org/10.1080/17405629.2016.1144508>
- Garaigordobil, M., & Aliri, J. (2011). Conexión intergeneracional del sexismo: influencia de variables familiares. *Psicothema*, 23(3), 382–387.
- Glick, P., & Fiske, S. T. (1996). The Ambivalent Sexism Inventory: Differentiating hostile and benevolent sexism. *Journal of Personality and Social Psychology*, 70(3), 491–512. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.70.3.491>
- Glick, P., & Fiske, S. T. (1997). Hostile and benevolent sexism: Measuring ambivalent sexist attitudes toward women. *Psychology of Women Quarterly*, 21(1), 119–135. <https://doi.org/10.1111/j.1471-6402.1997.tb00104.x>
- Glick, P., & Fiske, S. T. (2001). An Ambivalent Alliance: Hostile and Benevolent Sexism as Complementary Justifications for Gender Inequality. *American Psychologist*, 56(2), 109–118.
- Glick, P., Fiske, S. T., Mladinic, A., Saiz, J. L., Abrams, D., Masser, B., Adetoun, B., Osagie, J. E., Akande, A., Alao, A., Annetje, B., Willemsen, T. M., Chipeta, K., Dardenne, B., Dijksterhuis, A., Wigboldus, D., Eckes, T., Six-Materna, I., Expósito, F., ... López, W. L. (2000). Beyond prejudice as simple antipathy: Hostile and benevolent sexism across cultures. *Journal of Personality and Social Psychology*, 79(5), 763–775. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.79.5.763>
- Glick, P., Lameiras, M., Fiske, S. T., Eckes, T., Masser, B., Volpato, C., Manganelli, A. M., Pek, J. C. X., Huang, L., Sakalli-Uğurlu, N., Castro, Y. R., D'Avila Pereira, M. L., Willemsen, T. M., Brunner, A., Six-Materna, I., & Wells, R. (2004). Bad but Bold: Ambivalent Attitudes Toward Men Predict Gender Inequality in 16 Nations. *Journal of Personality and Social Psychology*, 86(5), 713–728. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.86.5.713>
- Glick, P., & Raberg, L. (2018). Benevolent sexism and the status of women. In C. B. Travis, J. W. White, A. Rutherford, W. S. Williams, S. L. Cook, & K. F. Wyche (Eds.), *APA*

- handbook of the psychology of women: History, theory, and battlegrounds., Vol. 1.* (pp. 363–380). American Psychological Association. <https://doi.org/10.1037/0000059-018>
- Gomes, A., Gonçalves, G., Sousa, C., Santos, J., & Giger, J.-C. (2022). Are We Getting Less Sexist? A Ten-Year Gap Comparison Analysis of Sexism in a Portuguese Sample. *Psychological Reports*, 125(4), 2160–2177. <https://doi.org/10.1177/00332941211011073>
- Gul, P., & Kupfer, T. R. (2019). Benevolent sexism and mate preferences: Why do women prefer benevolent men despite recognizing that they can be undermining? *Personality and Social Psychology Bulletin*, 45(1), 146–161. <https://doi.org/10.1177/0146167218781000>
- Hammond, M. D., Milojev, P., Huang, Y., & Sibley, C. G. (2018). Benevolent sexism and hostile sexism across the ages. *Social Psychological and Personality Science*, 9(7), 863–874. <https://doi.org/10.1177/1948550617727588>
- Hammond, M. D., & Overall, N. C. (2013). When relationships do not live up to benevolent ideals: Women’s benevolent sexism and sensitivity to relationship problems. *European Journal of Social Psychology*, 43(3), 212–223. <https://doi.org/10.1002/ejsp.1939>
- Hammond, M. D., & Overall, N. C. (2015). Benevolent sexism and support of romantic partner’s goals: Undermining women’s competence while fulfilling men’s intimacy needs. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 41(9), 1180–1194. <https://doi.org/10.1177/0146167215593492>
- Hammond, M. D., & Overall, N. C. (2017). Sexism in intimate contexts: How romantic relationships help explain the origins, functions, and consequences of sexist attitudes. In C. G. Sibley & F. K. Barlow (Eds.), *The Cambridge handbook of the psychology of prejudice.* (pp. 321–343). Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/9781316161579.014>
- Hammond, M. D., Overall, N. C., & Cross, E. J. (2016). Internalizing Sexism Within Close Relationships: Perceptions of Intimate Partners’ Benevolent Sexism Promote Women’s Endorsement of Benevolent Sexism. *Journal of Personality & Social Psychology*, 110(2), 214–238. <https://doi.org/10.1037/pspi0000043>
- Hammond, M. D., & Sibley, C. G. (2011). Why are benevolent sexists happier? *Sex Roles: A Journal of Research*, 65(5–6), 332–343. <https://doi.org/10.1007/s11199-011-0017-2>

- Haslam, C., Holme, A., Haslam, S. A., Iyer, A., Jetten, J., & Williams, W. H. (2008). Maintaining group memberships: Social identity continuity predicts well-being after stroke. *Neuropsychological Rehabilitation*, 18(5/6), 671–691. <https://doi.org/10.1080/09602010701643449>
- Haslam, C., Latilla, T., Muldoon, O. T., Cruwys, T., & Kearns, M. (2022). Multiple group membership supports resilience and growth in response to violence and abuse. *Journal of Community & Applied Social Psychology*, 32(2), 241–257. <https://doi.org/10.1002/casp.2570>
- Hayes, A. F. (2022). *Introduction to mediation, moderation, and conditional process analysis: A regression-based approach* (3rd edition). The Guilford Press.
- Hellmer, K., Stenson, J. T., & Jylhä, K. M. (2018). What's (not) underpinning ambivalent sexism?: Revisiting the roles of ideology, religiosity, personality, demographics, and men's facial hair in explaining hostile and benevolent sexism. *Personality and Individual Differences*, 122, 29–37. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2017.10.001>
- Hopkins-Doyle, A., Sutton, R. M., Douglas, K. M., & Calogero, R. M. (2019). Flattering to deceive: Why people misunderstand benevolent sexism. *Journal of Personality and Social Psychology*, 116(2), 167. <https://doi.org/10.1037/pspa0000135>
- Jetten, J., Haslam, S. A., & Haslam, C. (2012). The case for a social identity analysis of health and well-being. In J. Jetten, C. Haslam, & S. A. Haslam (Eds.), *The social cure: Identity, health and well-being*. (pp. 3–19). Psychology Press.
- Jost, J. T., & Banaji, M. R. (1994). The role of stereotyping in system-justification and the production of false consciousness. *British Journal of Social Psychology*, 33(1), 1–27. <https://doi.org/10.1111/j.2044-8309.1994.tb01008.x>
- Leaper, C., & Brown, C. S. (2008). Perceived Experiences with Sexism among Adolescent Girls. *Child Development*, 79(3), 685–704. <https://doi.org/10.1111/j.1467-8624.2008.01151.x>
- Lee, T. L., Fiske, S. T., Glick, P., & Chen, Z. (2010). Ambivalent sexism in close relationships: (Hostile) power and (benevolent) romance shape relationship ideals. *Sex Roles: A Journal of Research*, 62(7–8), 583–601. <https://doi.org/10.1007/s11199-010-9770-x>

- Linville, P. W. (1987). Self-complexity as a cognitive buffer against stress-related illness and depression. *Journal of Personality and Social Psychology*, 52(4), 663–676. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.52.4.663>
- Mastari, L., Spruyt, B., & Siongers, J. (2019). Benevolent and Hostile Sexism in Social Spheres: The Impact of Parents, School and Romance on Belgian Adolescents' Sexist Attitudes. *Frontiers in Sociology*, 4, 47. <https://doi.org/10.3389/fsoc.2019.00047>
- Montañés, P., de Lemus, S., Bohner, G., Megías, J. L., Moya, M., & Garcia-Retamero, R. (2012). Intergenerational transmission of benevolent sexism from mothers to daughters and its relation to daughters' academic performance and goals. *Sex Roles: A Journal of Research*, 66(7–8), 468–478. <https://doi.org/10.1007/s11199-011-0116-0>
- OECD (2023), SIGI 2023 Global Report: Gender Equality in Times of Crisis, Social Institutions and Gender Index, *OECD Publishing, Paris*, <https://doi.org/10.1787/4607b7c7-en>
- Oswald, D. L., Baalbaki, M., & Kirkman, M. (2019). Experiences with benevolent sexism: Scale development and associations with women's well-being. *Sex Roles: A Journal of Research*, 80(5–6), 362–380. <https://doi.org/10.1007/s11199-018-0933-5>
- Overall, N. C., Sibley, C. G., & Tan, R. (2011). The costs and benefits of sexism: Resistance to influence during relationship conflict. *Journal of Personality and Social Psychology*, 101(2), 271–290. <https://doi.org/10.1037/a0022727>
- Pyke, K. D. (2010). What is internalized racial oppression and why don't we study it? Acknowledging racism's hidden injuries. *Sociological Perspectives*, 53(4), 551–572. <https://doi.org/10.1525/sop.2010.53.4.551>
- Rollero, C., Czepczor-Bernat, K., Fedi, A., Boza, M., Brytek-Matera, A., Lemoine, J. E., Sahlan, R. N., Wilson, E., De Piccoli, N., & Gattino, S. (2023). Life satisfaction in Europe and Iran: the role of self-esteem, gender identification and ambivalent sexism. *Current Psychology*, 42(27), 23541-23554. <https://doi.org/10.1007/s12144-022-03381-8>
- Salomon, K., Bosson, J. K., El-Hout, M., Kiebel, E., Kuchynka, S. L., & Shepard, S. L. (2020). The Experiences with Ambivalent Sexism Inventory (EASI). *Basic & Applied Social Psychology*, 42(4), 235–253. <https://doi.org/10.1080/01973533.2020.1747467>
- Schiralli, J. E., Peragine, D. E., Chasteen, A. L., & Einstein, G. (2022). Explicit and Implicit Gender-Related Stereotyping in Transgender, Gender Expansive, and Cisgender Adults.

Archives of Sexual Behavior, 51(4), 2065–2076. <https://doi.org/10.1007/s10508-022-02339-y>

- Sibley, C. G., & Overall, N. C. (2011). A Dual Process Motivational Model of Ambivalent Sexism and Gender Differences in Romantic Partner Preferences. *Psychology of Women Quarterly*, 35(2), 303–317. <https://doi.org/10.1177/0361684311401838>
- Sibley, C., Overall, N., Duckitt, J., Perry, R., Milfont, T., Khan, S., Fischer, R., & Robertson, A. (2009). Your Sexism Predicts My Sexism: Perceptions of Men's (but not Women's) Sexism Affects One's Own Sexism Over Time. *Sex Roles*, 60(9–10), 682–693. <https://doi.org/10.1007/s11199-008-9554-8>
- Swim, J. K., & Hyers, L. L. (2009). Sexism. In T. D. Nelson (Ed.), *Handbook of prejudice, stereotyping, and discrimination*. (pp. 407–430). Psychology Press.
- Tajfel, H., & Turner, J. C. (1979). An integrative theory of intergroup conflict. In W. G. Austin, & S. Worchel (Eds.), *The Social Psychology of Intergroup Relations* (pp. 33-47). Monterey, CA: Brooks/Cole.
- Turner, J. C. (1982). Towards a cognitive redefinition of the social group. In H. Tajfel (Ed.), *Social identity and intergroup relations* (pp. 15-40). Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- Vieira, F. S. (2023). Transmissão transgeracional da Opressão Racial Internalizada: Efeito Moderador da Identidade Social [Unpublished master's thesis]. ISPA-Instituto Universitário.
- Waddell, N., Sibley, C. G., & Osborne, D. (2019). Better off Alone? Ambivalent Sexism Moderates the Association Between Relationship Status and Life Satisfaction Among Heterosexual Women and Men. *Sex Roles*, 80(5/6), 347–361. <https://doi.org/10.1007/s11199-018-0935-3>

Anexos

Anexo 1 – Questionário Sociodemográfico

“Por fim, iremos apenas fazer algumas questões sociodemográficas. Relembramos que todas as respostas são anónimas e confidenciais, servindo apenas para fins do estudo presente.”

Questionário Sociodemográfico

Idade:						
Rendimento Percebido:	1. O rendimento atual permite viver confortavelmente	2. O rendimento atual dá para viver	3. É difícil viver com o rendimento atual	4. É muito difícil viver com o rendimento atual		
Habilitações literárias:	1. Sem escolaridade	2. 1º ciclo	3. 2º ciclo	4. 3º ciclo	5. Ensino superior	6. Licenciatura ou superior
Classificação étnico-racial:	1. Branca/portuguesa branca/de origem europeia	2. Negras/ portuguesas negras/ afrodescendentes/de origem africana	3. Asiática/portuguesa de origem asiática/de origem asiática	4. Cigano/português cigano/Roma/de origem cigana	5. Outro grupo. Qual?	6. De origem mista. Quais?
Orientação sexual:	1. Heterossexual	2. Homossexual	3. Bissexual	4. Outra. Qual?		
Modelo relacional:	1. Relação monogâmica	2. Relação não monogâmica. Qual?				
Coabitação:	1. Coabito com a minha pessoa parceira	2. Não coabito com a minha pessoa parceira				
Duração da relação:						
Identidade de género:	1. Mulher cisgénero	2. Mulher transgénero	3. Outra. Qual?			

Anexo 2 – Escala do Sexismo Benevolente dos Pais (Glick & Fiske, 1996; adaptado por Costa et al., 2015)

“De seguida apresentam-se algumas afirmações relativamente a questões relacionais. Pense nos seus pais ou nas pessoas que o criaram. Assinale de 1 (discordo totalmente) a 5 (concordo totalmente) consoante o que considera ser o nível de concordância dessa pessoa com cada afirmação. Tenha em conta aquilo que é a sua perceção sobre o que essa pessoa responderia.”

Escala de Sexismo Benevolente dos Pais

Nº	Item
1	Para os meus pais ou pessoas que me criaram, não importa o quão realizado seja, um homem não é verdadeiramente completo enquanto pessoa se não tiver o amor de uma mulher.
2	Para os meus pais ou pessoas que me criaram, num desastre, as mulheres não deviam, necessariamente, ser resgatadas antes dos homens.
3	Para os meus pais ou pessoas que me criaram, as pessoas são muitas vezes verdadeiramente felizes na vida sem estarem romanticamente envolvidas com uma pessoa do sexo oposto.
4	Para os meus pais ou pessoas que me criaram, muitas mulheres têm uma qualidade de pureza que poucos homens possuem.
5	Para os meus pais ou pessoas que me criaram, as mulheres deviam ser estimadas e protegidas pelos homens.
6	Para os meus pais ou pessoas que me criaram, todo o homem devia ter uma mulher que ele adore.
7	Para os meus pais ou pessoas que me criaram, os homens são completos sem mulheres.
8	Para os meus pais ou pessoas que me criaram, uma boa mulher deve ser colocada num pedestal pelo seu homem.
9	Para os meus pais ou pessoas que me criaram, as mulheres, comparadas com os homens, tendem a ter uma sensibilidade moral superior.
10	Para os meus pais ou pessoas que me criaram, os homens devem estar dispostos a sacrificar o seu próprio bem-estar para garantirem a segurança financeira para as mulheres nas suas vidas.
11	Para os meus pais ou pessoas que me criaram, as mulheres, comparadas com os homens, tendem a ter um sentido mais refinado de cultura e bom gosto.

Anexo 3 – Escala do Sexismo Benevolente Internalizado (Glick & Fiske, 1996; adaptado por Costa et al., 2015)

“Desta vez, tenha apenas em conta a sua opinião relativamente a cada afirmação. Indique o seu nível de concordância com cada uma das afirmações, numa escala de 1 (discordo totalmente) a 5 (concordo totalmente)”

Escala de Sexismo Benevolente Internalizado

Nº	Item
1	Para mim, não importa o quão realizado seja, um homem não é verdadeiramente completo enquanto pessoa se não tiver o amor de uma mulher.
2	Para mim, num desastre, as mulheres não deviam, necessariamente, ser resgatadas antes dos homens.
3	Para mim, as pessoas são muitas vezes verdadeiramente felizes na vida sem estarem romanticamente envolvidas com uma pessoa do sexo oposto.
4	Para mim, muitas mulheres têm uma qualidade de pureza que poucos homens possuem.
5	Para mim, as mulheres deviam ser estimadas e protegidas pelos homens.
6	Para mim, todo o homem devia ter uma mulher que ele adore.
7	Para mim, os homens são completos sem mulheres.
8	Para mim, uma boa mulher deve ser colocada num pedestal pelo seu homem.
9	Para mim, as mulheres, comparadas com os homens, tendem a ter uma sensibilidade moral superior.
10	Para mim, os homens devem estar dispostos a sacrificar o seu próprio bem-estar para garantirem a segurança financeira para as mulheres nas suas vidas.
11	Para mim, as mulheres, comparadas com os homens, tendem a ter um sentido mais refinado de cultura e bom gosto.

Anexo 4 – Escala de Experiências com Sexismo Benevolente do Parceiro (Salomon et al., 2020)

“Neste questionário estamos interessados nas experiências do dia a dia das mulheres. Por favor, pense sobre a sua vida e utilize a escala abaixo para indicar com que frequência cada evento tem ocorrido consigo na sua vida diária em relação ao seu parceiro.”

Escala de 1 (nunca) a 7 (muita frequência).

“Na sua relação, com que frequência...”

Escala de Experiências com Sexismo Benevolente do Parceiro

Nº	Item
1	...o seu parceiro a tem tratado como se dependesse de si para a sua felicidade pessoal?
2	...sentiu que o seu parceiro dependia da relação romântica consigo para ser feliz?
3	...sentiu que o seu parceiro dependia de uma relação consigo para atender às necessidades emocionais dele?
4	...o seu parceiro a tem tratado como se precisasse de si para se sentir completo?
5	...sentiu que o seu parceiro dependia de si para se tornar uma pessoa melhor?
6	...o seu parceiro a tem tratado como se tivesse que o completar emocionalmente?
7	...o seu parceiro a tem tratado com mais gentileza ou delicadeza do que você a ele?
8	...o seu parceiro a tem tratado como se precisasse de mais proteção do que ele?
9	...o seu parceiro tem-lhe oferecido mais ajuda do que você a ele?
10	...o seu parceiro a tem tratado como se fosse mais vulnerável do que ele?
11	...o seu parceiro a tem tratado como se fosse mais inocente do que ele?
12	...o seu parceiro a tem tratado como se estivesse mais em contacto com as suas emoções do que ele?
13	...sentiu que o seu parceiro espera que seja mais querida do que ele?
14	...sentiu que o seu parceiro espera que seja mais amável do que ele?

Anexo 5 – Escala de Pertença a Múltiplos Grupos (Haslam et al., 2008)

“As seguintes afirmações procuram perceber as suas experiências a nível grupal. Assinale qual o seu nível de concordância de 1 (discordo fortemente) a 7 (concordo fortemente) com cada afirmação.”

Escala de Pertença a Múltiplos Grupos

Nº	Item
1	Eu pertença a muitos grupos diferentes.
2	Eu participo em atividades de muitos grupos diferentes.
3	Eu tenho amigos que pertencem a muitos grupos diferentes.
4	Eu tenho laços fortes com muitos grupos diferentes.

Anexo 6 – Consentimento Informado

“Muito obrigada por considerar responder a este inquérito, que tem como objetivo estudar a percepção que as mulheres têm sobre as relações entre homens e mulheres.

O estudo está a ser promovido pelo Ispa – Instituto Universitário, no âmbito de uma dissertação de Mestrado Integrado em Psicologia Clínica, pela aluna Susana Resende, sob orientação da Prof. Doutora Mariana Pires de Miranda.

Todas as respostas são anónimas. Os dados serão utilizados exclusivamente para fins de investigação, mantendo assim a sua privacidade.

A sua participação é voluntária e poderá desistir a qualquer momento independentemente do motivo. Após começar o estudo - e porque garantimos o anonimato dos participantes - não existe a possibilidade de proceder à eliminação das suas respostas.

A resposta ao questionário não lhe trará nenhum risco e estima-se que termine em, aproximadamente, 15 minutos.

Se tiver alguma dúvida ou sugestão, poderá entrar em contacto com Susana Resende (30410@alunos.ispa.pt) ou Mariana Pires de Miranda (mmiranda@ispa.pt).”

Anexo 7 – Resultados da Mediação das Experiências com Sexismo Benevolente (ESB) do Parceiro na Relação entre o Sexismo Benevolente (SB) dos Pais e o SB Internalizado no Paternalismo Protetor, na Diferenciação de Género Complementar e na Intimidade Heterossexual

Equação de Regressão (n = 225)		Índices de Ajustamento		Coeficientes		
Variável Dependente	Variável Preditora	R ²	F(gl)	B	SE	95% CI
Paternalismo Protetor	ESB do parceiro	.1400	36.3135 (1, 223)**			
	SB Pais percebido			.5035	.0836	[.3388, .6682]
SB Internalizado	SB Pais percebido	.2588	38.7529 (2, 222)**	.3897	.0585	[.2744, .5051]
	ESB do Parceiro			.1241	.0435	[.0383, .2099]
Diferenciação de Género Complementar	ESB do parceiro	.0701	16.7452 (1, 222)**			
	SB Pais percebido			.3591	.0877	[.1861, .5320]
SB Internalizado	SB Pais percebido	.2516	37.1481 (2, 221)**	.4577	.0635	[.3326, .5827]
	ESB do Parceiro			.1239	.0468	[.0316, .2161]
Intimidade Heterossexual	ESB do parceiro	.0465	10.8173 (1, 222)*			
	SB Pais percebido			.3575	.1087	[.1433, .5718]
SB Internalizado	SB Pais percebido	.1493	19.3940 (2, 221)**	.3313	.0693	[.1948, .4679]
	ESB do Parceiro			.1198	.0418	[.0374, .2021]

Nota. SB: Sexismo Benevolente; ESB: Experiências com Sexismo Benevolente. * $p < .01$, ** $p < .001$